

JANEIRO  
FEVEREIRO  
MARÇO  
2008

***Culturgest***

Grupo Caixa Geral de Depósitos



# JANEIRO FEVEREIRO MARÇO 2008

O primeiro espectáculo do ano 2008 na Culturgest é um concerto comentado. Com a OrchsterUtopica e um programa de música do nosso tempo. Outros dois se seguem neste trimestre. A Orquestra Metropolitana vem em Fevereiro, o Quarteto Remix em Março. Sempre aos domingos às 11h da manhã, com bilhetes a 2 euros. Para tentar quebrar as barreiras que ainda existem entre o público e a música do nosso tempo. Venha, e traga a família.

Em Janeiro, a companhia de teatro inglesa Third Angel, apresenta *Presunção*, uma peça que conta uma história sobre o amor, sobre o amor na vida de um casal de trinta e poucos anos. Como escreveu um crítico do jornal inglês *The Guardian*, a propósito deste espectáculo, “Quando a paixão se extingue, o que é que resta: uma pepita de ouro ou cinzas?” Os Third Angels fazem perguntas pertinentes e dão respostas surpreendentes e comoventes, diz o mesmo crítico. É em inglês, sem legendas.

Tim Crouch volta à Culturgest com um espectáculo que decorre na Galeria de Exposições. Na primeira parte, dois actores representam o mesmo personagem, um guia de exposições que precisa de um transplante de coração. Na segunda, feito o transplante, fala,

através de um intérprete, com a mulher da pessoa de quem herdou o coração. Este resumo da história é demasiado redutor. O espectáculo é, para além de muitas outras coisas, “uma visita guiada ao fim do mundo”. Também não tem legendas.

Em Março, o teatro é português, escrito por Miguel Castro Caldas e apresentado pela Companhia Primeiros Sintomas. Chama-se *Repartição* e ficciona um tempo em que acabaram as repartições de finanças. O que não constitui necessariamente uma boa notícia...

Raimund Hoghe esteve em 2006 na Culturgest com um espectáculo maravilhoso, *Young People, Old Voices*. Dizemos isto apesar de metade da sala ter saído durante o espectáculo. Talvez porque a linguagem do coreógrafo é o oposto ao que hoje em dia se associa a “espectáculo”. O que se passa em palco parece quase nada, são gestos de enorme delicadeza, lentos, simples, profundamente tocantes. Não há efeitos de luzes, não há trepidação. Exige uma grande disponibilidade do público, a capacidade para entrar naquele ritmo e deixar-se levar por ele. Se o fizer, passa por uma experiência inesquecível.

Hoghe volta este ano, em Fevereiro, com a sua interpretação de *O Lago dos Cisnes*. Música de Tchaikovsky. Não é ballet. A linguagem coreográfica de Hoghe mantém-se. E a disponibilidade necessária do público é a mesma.

O segundo espectáculo de dança, em Março, é um solo da coreógrafa, bailarina e artista visual espanhola Olga Mesa. É uma nova criação. Ainda não sabemos como será. Mas conhecemos o talento da criadora e apostamos nela.

Quatro concertos de jazz marcam este trimestre. Rabih Abou-Kahlil, tocador de *oud* libanês fixado na Alemanha, vem em trio com o pianista alemão Joachim Kühn e o baterista Jarrod Cagwin. Na base deste concerto está o magnífico CD *Journey to the Center of na Egg*. Em Fevereiro é a vez do trio belga Aka Moon, que muitos conhecem pela associação a espectáculos das Companhias Rosas e Les Ballets C. de la B. Grandes músicos, ligados a um jazz de vanguarda. Ainda em Fevereiro, Tomasz Stanko, um dos maiores trompetistas europeus, liderando um quarteto de músicos polacos, apresenta *Lontano*, um concerto baseado no CD belíssimo com o mesmo nome. A Orquestra Jazz de Matosinhos, com o saxofonista americano Chris Cheek, vem em Março.

Este ano vamos apresentar um ciclo, no Pequeno Auditório, que chamámos *Isto é Jazz?*. São seis concertos espalhados ao longo do ano, com músicos portugueses e estrangeiros, em que se dá conta de alguns dos novos caminhos que os músicos de jazz estão a trilhar. O primeiro concerto é em Março com um trio de excelentes músicos americanos.

Mari Boine é uma cantora e compositora muitas vezes identificada como porta-voz do povo Sami, do Norte da Escandinávia. Mas é sobretudo uma grande artista. A sua música exalta-nos.

Em Janeiro continua a exposição de arquitectura dedicada aos Museus do Século XXI. A ela está associado um ciclo de conferências, logo em Janeiro, com arquitectos, historiadores de arte, directores de museus, comissários, críticos. Imprescindível.

Em Fevereiro inauguramos três

exposições. Duas (uma em Lisboa, outra no Porto) dedicadas a Ricardo Jacinto, um artista português com uma das obras mais singulares e estimulantes nos últimos dez anos que utiliza e combina meios de expressão muito diferentes, com especial ênfase na escultura, no som e na *performance*. Várias *performances* serão apresentadas entre Fevereiro e Abril. No Porto haverá uma instalação.

A terceira exposição é dedicada à artista norte-americana, muito pouco conhecida em Portugal, apesar da sua relevância, Frances Stark. Toma a escrita, o acto de ler e a voz como ponto de partida para as suas obras visuais.

Maria José Fazenda vem falar-nos, com a clareza e sabedoria habituais, das formas de interacção na cena coreográfica – o dueto, o solo e os grupos. São conferências indispensáveis para quem quiser saber mais sobre os meios utilizados pelos coreógrafos para transmitirem as suas visões do mundo.

Sabe o que é a biopolítica? É natural que não. Numa série de conferências, com especialistas nacionais e estrangeiros, esclarece-se esse conceito e, sobretudo, o que ele importa para a análise e a reflexão sobre os mecanismos do poder político.

Ricardo Matos Cabo concebeu e escolheu os filmes que se incluem no ciclo *Histórias do Cinema por si próprio*. Filmes raríssimos que contam a História do Cinema. Uma oportunidade irrepetível para ver filmes fundamentais e que só na Culturgest se podem ver.

Procuramos oferecer ao público momentos excepcionais da criação e do pensamento. Esperamos que assim sejam recebidos por si.



# Ciclo de conversas em torno da exposição *Museus do Século XXI*\*

## PEQUENO AUDITÓRIO E SALA 2

**18h30** Entrada gratuita. Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo: 2 senhas por pessoa.

O que é um museu dos (e nos) dias de hoje? Passaram mais de dois séculos sobre a abertura dos museus como forma de disponibilizar os tesouros patrimoniais ao povo. Ultrapassada está também a ideia de museu como espaço de confinamento (Foucault) e legitimação dos objectos. Aquilo que amenizou a crítica à deificação deste espaço trouxe também a “nostalgia da universalidade da arte” (Michaud) e abriu espaço para a sua adaptação em “hipermercado da Cultura” (Baudrillard).

Da negação à apologia, os artistas estabelecem hoje uma ligação consciente e voluntária, são alvo de encomendas e criam objectos especificamente para o espaço museal. Mas é o museu um espaço expositivo neutro?

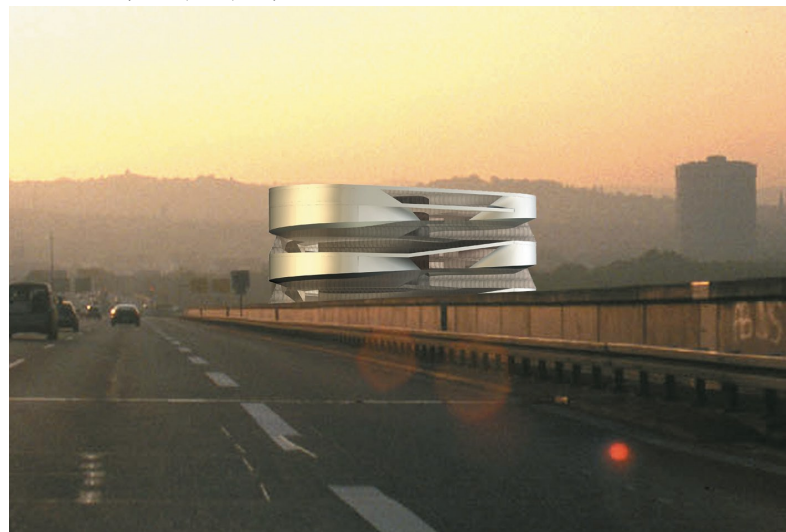
O museu tornou-se também mais próximo do visitante, conceberam-se na própria estrutura arquitectónica espaços para alimentação, compras ou investigação. Será a experiência do objecto o principal motivo da visita?

Considerada um dos maiores desafios arquitectónicos, a concepção de um museu pode invocar o espaço envolvente, estar condicionada a um edifício pré-existente ou constituir oportunidade para a criação de espaços alternativos e surpreendentes merecedores de maior atenção por parte dos públicos do que o próprio conteúdo acolhido. Pode o conceito arquitectónico sobrepor-se à funcionalidade do museu?

Qual a função dos museus na actualidade? Como olhamos para eles? Como os utilizamos?

Neste ciclo, esperamos pensar estas e outras questões, na companhia de arquitectos, comissários, jornalistas, críticos e outros frequentadores de museus.

UN Studio, Ben van Berkel/Caroline Bos. *Museus Mercedes-Benz*, Estugarda, Alemanha, 2002-2006, Vista da auto-estrada (simulação por computador), 2005 © UN Studio



*What is a museum today? They have been around for over two centuries, moving on from Foucault's idea of places of confinement to become cultural hypermarkets. Nowadays they are closer to visitors, and incorporate restaurants, shops and research areas. Designing a museum is seen as one of the great architectural challenges, whether it invokes its surroundings, adapts an existing building, or generates greater public interest than the exhibits it contains.*

*What role do museums have today? How do we see them? How do we use them?*

*This series aims to look at these and other questions, in the company of architects, critics and other museum-goers.*

\* Para mais informações sobre *Museus do Século XXI* consulte a secção ‘Exposições’, mais à frente neste programa.

## 3 de Janeiro

Para onde vai o museu de arte contemporânea? Raquel Henriques da Silva, João Pinharanda, Ricardo Nicolau (moderador)

## 17 de Janeiro

O museu visto por quem o desenha Arquitectos Aires Mateus, Pedro Pacheco, Margarida Veiga (moderadora)

## 24 de Janeiro

Conceito arquitectónico e conceito expositivo. Harmonia ou conflito? João Fernandes, Jean-François Chougnet, Delfim Sardo (moderador)

## 31 de Janeiro

O museu visto por quem o usa Anísio Franco, Ana Ruivo, Sara Barriga (moderadora)

# Música com comentários

Pela ORCHESTRUTOPICA  
Concerto comentado por Sérgio Azevedo

GRANDE AUDITÓRIO · 11h00

Dur. aprox. 1h00 · M/6 · €2 (Preço único)  
Para este concerto a bilheteira abre das 10h  
às 11h, retomando o horário normal às 14h.

Maestro Cesário Costa

Programa:

Luciano Berio  
*Opus Number Zoo*

Nuno Côrte-Real  
*Rock – homage a Ligeti*

Tentando criar uma maior aproximação com a música de hoje, a ORCHESTRUTOPICA apresenta um concerto com música comentada. Com um programa especialmente pensado para um público alargado e de todas as idades, este concerto propõe-se corresponder à curiosidade e ao interesse que

a música contemporânea desperta. Uma oportunidade para conhecer a música por dentro e para penetrar no mundo da criatividade musical dos nossos dias.

*As part of an attempt to bring audiences closer to the music of today, ORCHESTRUTOPICA presents a concert with musical commentary. With a programme designed specifically for a broader audience of all ages, this concert aims to satisfy the curiosity and interest awakened by contemporary music. An opportunity to learn about music from within and discover the world of modern musical creativity.*

M|C  
MINISTÉRIO DA CULTURA

ORCHESTRUTOPICA  
EM RESIDÊNCIA NO CCB

dgARTES  
PROGRAMA NACIONAL  
DAS ARTES

Monchique  
Agora Presente, Não Retorno



# Poesia de Judith Herzberg

Lida por Jorge Silva Melo

## PEQUENO AUDITÓRIO · 18h30

Entrada gratuita. Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo: 2 senhas por pessoa.

Por ocasião do lançamento de *O que resta do dia*, antologia de poesia e prosa de Judith Herzberg (Cavalo de Ferro) traduzida por Ana Maria Carvalho Lemmens, e da reposição de *A Fábrica de Nada* (Teatro Municipal de Almada), Jorge Silva Melo lerá alguns poemas da autora na sua presença.

Judith Herzberg (Amesterdão, 1934). Começou a publicar nos anos 1960, sendo desde então considerada uma das mais importantes poetas holandesas. Nos anos 1970, começou a escrever teatro. Recebeu inúmeros prémios e a sua obra está traduzida em alemão, inglês, francês, português e italiano. Disse uma vez: “Tento que o público experimente a mesma confusão que eu, quando observo

a realidade.” O seu teatro foi revelado em Portugal por Alberto Seixas Santos que dirigiu *O Caracal* no Teatro Taborda. Jorge Silva Melo estreou, em 2005, *A Fábrica de Nada* na Culturgest.

*Marking the publication of O que resta do dia (an anthology of Judith Herzberg's poetry and prose translated by Ana Maria Carvalho Lemmens) and the re-staging of A Fábrica de Nada at Almada Municipal Theatre, Jorge Silva Melo will read poems by the writer, in her presence.*

*Judith Herzberg (Amsterdam, 1934) is one of the Netherlands' leading poets and playwrights. Her award-winning work has been translated into German, English, French, Portuguese and Italian. She once said "I try to make people feel the same confusion as I do when I look at reality". The first of her plays performed in Portugal was O Caracal. A Fábrica de Nada was first performed in Portugal in 2005.*



## Caixas

Porque durante a guerra nos falavam sempre de antes da guerra, de como todos eram todos ingénuos, tenho agora o máximo cuidado, ao deitar qualquer coisa fora, por exemplo, uma caixa de papelão, peço a Deus para que a caixa não volte nunca a assaltar-me em forma de remorso; lembrás-te ainda como nós, despreocupados, deitávamos fora caixas sem pensar! Se tivéssemos guardado pelo menos uma, se tivéssemos guardado pelo menos uma!

Judith Herzberg,  
Trad. Ana Maria Carvalho Lemmens

## ARTISTAS UNIDOS

Tradução e publicação realizadas no âmbito do  
ATELIER EUROPEEN DE LA TRADUCTION/ SCENE NATIONALE D'ORLEANS  
com o apoio da UNIÃO EUROPEIA  
Comissão de educação e cultura – programa Cultura 2000



# Presumption Presunção

## Um espectáculo de Third Angel

### PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO

21h30 Duração: 1h15 · M/12

€12 · Jovens até aos 30 anos: €5

Espectáculo falado em inglês,  
sem legendas

**Escrito e concebido por** Alexander Kelly, Chris Thorpe e Rachael Walton **Encenação e cenografia** Alexander Kelly e Rachael Walton **Com** Chris Thorpe e Lucy Ellinson **Luz** James Harrison **Som** David Mitchell **Uma produção** Third Angel em associação com os Sheffield Theatres, financiada pelo Arts Council England. Third Angel é regularmente financiado pelo Arts Council England e apoiado pela Site Gallery, Sheffield.

*Presumption* espreita para dentro das vidas de Tom e Beth, o típico casal da actualidade com trinta e poucos anos.

Um casal que construiu uma vida em comum nos últimos sete anos, comprando imensa tralha, partilhando amigos e adquirindo memórias. Esta é uma peça sobre duas pessoas que começaram a falar menos e lentamente a querer mais.

É uma história sobre o amor. Não o amor romântico, da paixão excitante, nem o amor sem dúvidas nem condições, mas outro amor, o de todos os dias, o de o que é que vamos jantar, voltas logo, o de esperar continuar a viver juntos (que outra coisa fazer?).

O espectáculo começa com um palco vazio – vazio com excepção das marcas para as posições de toda a tralha comprada por Beth e Tom, que constroem o cenário, juntando as suas posses em volta de si, enquanto o público constrói uma imagem das suas vidas.



Rachael Walton e Alexander Kelly são os directores artísticos de Third Angel, companhia que fundaram em 1995. Desde então têm concebido e produzido obras inovadoras e bem recebidas, entre espectáculos de teatro, filmes, projectos e instalações. Entre outras, fizeram *Where from Here* (que esteve na Culturgest em 2002), *The Lad Lit Project* e *Class of '76* (no Festival Trama, Porto, em 2005). Têm colaborado com o Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística, orientando *workshops* de encenação.

Quando a paixão se extingue, o que é que resta: uma pepita de ouro ou cinzas? (...) Os Third Angel encontraram a maneira certa de colocar as perguntas, e as respostas que propõem são provocantes, surpreendentes e estranhamente comoventes.

Lyn Gardner, *The Guardian*, 22.08.2007

*Presumption* peers into the lives of Tom and Beth, a couple who have been building a life together for the past seven years, buying lots of stuff, sharing friends and acquiring memories. A piece about two people who have been gradually talking less, but slowly wanting more.

*It's a story about love. Not romantic, thrill of passion love, not unconditional unquestioned love, but everyday, what shall we have for dinner, will you be in later, expecting to go on living together – well what else would we do? – love.*

*Third Angel creates humorous, visually exciting theatre, combining new writing with intimate performance.*



# Third Angel

## Cinema e Vídeo

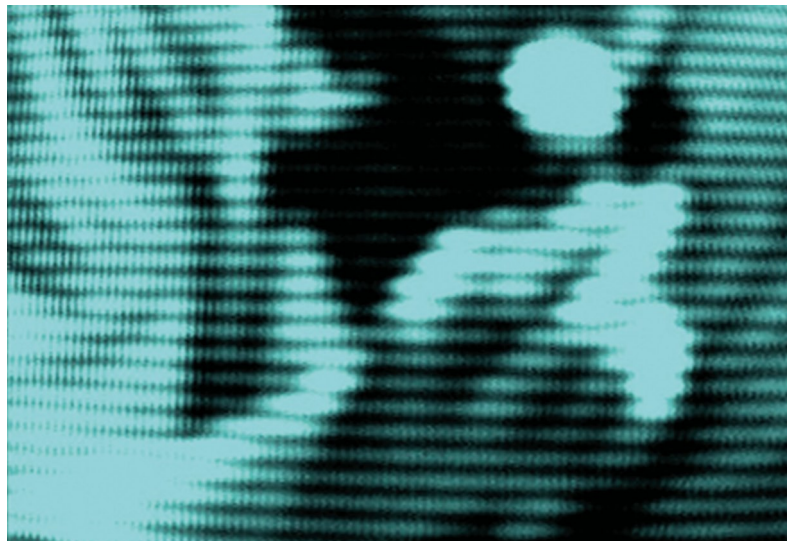
### SALA 2 · 18h30

Entrada gratuita. Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo: 2 senhas por pessoa.

Os Third Angel, que trazem este ano à Culturgest o seu espectáculo *Presumption* (ver páginas anteriores), desenvolvem paralelamente um trabalho em filme e vídeo, difundido e exibido em vários festivais europeus. Nesta apresentação/projecção, o co-director artístico Alexander Kelly apresenta uma cativante escolha de trabalhos em filme e vídeo feitos pelos Third Angel e com outros colaboradores: ficção curta inovadora, documentários experimentais, *video art* e documentação de espectáculos.

*Third Angel's film and video work has been broadcast and screened at festivals across Europe. In this popular screening/presentation Co-Artistic Director Alexander Kelly introduces an entertaining selection of film and video work made by Third Angel and with other collaborators: innovative short drama, experimental documentary, video art and performance documentation.*

*Pills* (curta-metragem), Video stills – Christopher Hall



# Interacções na cena coreográfica: duetos, solos, grupos

Por Maria José Fazenda

## PEQUENO AUDITÓRIO E SALA 2

**18h30** Entrada gratuita. Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo: 2 senhas por pessoa.

Na dança, criadores e intérpretes estabelecem modelos de interação através dos quais exprimem a forma como se vêem a si próprios na sua relação com os outros. Pela forma como se dispõem espacialmente e interagem, confrontando-se ou distanciando-se, tocando-se ou afastando-se, eles reproduzem ou criticam os modos de organização intergrupual ou interpessoal no mundo exterior à própria dança e os valores e as ideias que resultam dessa organização. Para além das modalidades de exploração espacial e de interação entre os indivíduos, são ainda determinantes na definição coreo-

gráfica da visão do mundo que o artista deliberadamente constrói em cena as linguagens de movimento a que recorre como meio de reflexão, de expressão e de comunicação.

Tornar explícitos os significados de “onde se dança”, “com quem se dança” e “como se dança” é o objectivo destas três sessões. Concentrar-nos-emos em composições para duetos (na conferência do dia 16), solos (no dia 23) e grupos (no dia 30) de vários coreógrafos contemporâneos, como Bill T. Jones, Boris Charmatz, Francisco Camacho, Mathilde Monnier, Merce Cunningham e Paulo Ribeiro, entre outros. Que ideias sobre os corpos feminino e masculino emergem quando uma pessoa dança com outra? Que concepções do “eu” adquirem visibilidade quando um só intérprete se revela em cena? Como se relaciona o indivíduo com



o grupo e que valor lhe é atribuído no seu seio? Estas são algumas das questões a que nos propomos responder.

Maria José Fazenda é Professora Adjunta na Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa. É Doutorada em Antropologia pelo ISCTE. Fez o Curso de Dança da Escola de Dança do Conservatório Nacional. Organizou a antologia *Movimentos Presentes: Aspectos da Dança Independente em Portugal* (Cotovia e Danças na Cidade, 1997) e é autora de *Dança Teatral: Ideias, Experiências, Acções* (Celta, 2007).

*In dance, creators and performers establish models of interaction to express themselves and their relationship to others. As well as exploring space and interaction, the language of movement as a form of reflection*

*and expression also defines the world view constructed by the artist on stage.*

*These three sessions explore “where one dances”, “with whom” and “how”. They focus on compositions for solos (16<sup>th</sup>), duets (23<sup>rd</sup>) and groups (30<sup>th</sup>) by various contemporary choreographers.*

*Maria José Fazenda teaches at Lisbon Polytechnic Institute’s Higher College of Dance.*

# Rabih Abou-Khalil e Joachim Kühn Trio

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M/12

€20 · Jovens até aos 30 anos: €5

*Oud* Rabih Abou-Khalil

*Piano e Saxofone* Joachim Kühn

*Bateria* Jarrod Cagwin

Nascido e criado no clima cosmopolita de Beirute dos anos 1960 e 1970, Rabih Abou-Khalil, que nasceu em 1957, aprendeu a tocar *oud* (semelhante ao alaúde, é o instrumento árabe por excelência, tão popular como o piano ou a guitarra no ocidente) aos quatro anos de idade. Em 1978, por causa da guerra civil do Líbano, forçado a sair do seu país, foi para Munique, onde estudou flauta clássica na Academia de Música dessa cidade. A preocupação analítica relativa à tradição clássica europeia permitiu-lhe compreen-

der a música árabe de um ponto de vista exterior e teórico, dando-lhe a descobrir a possibilidade de operar em simultâneo com sistemas musicais divergentes. Enquanto os instrumentistas árabes se satisfazem com a imitação das técnicas da voz humana, Abou-Khalil dedica-se a explorar novas formas de tocar o seu instrumento.

Rabih Abou-Khalil afirmou-se na cena de vanguarda como compositor e como instrumentista. Com uma larga e aclamada discografia, editada sobretudo pelas editoras MMP, ECM e, de há uns anos a esta parte, Enja, Abou-Khalil tem-se apresentado em mais de cem festivais de jazz e de outras músicas pelo mundo fora, com diversos projectos e enorme sucesso.

O concerto desta noite tem como ponto de partida o CD *Journey to the Centre of an Egg* (o 13.º álbum gravado



para a Enja) e junta um dos mais conhecidos pianistas de jazz europeus, o alemão Joachim Kühn (que também toca saxofone), cujas origens musicais estão tanto em Bach como em Ornette Coleman, com o baterista Jarrod Cagwin, que desde há muitos anos faz parte de bandas de Abou-Khalil e conhece profundamente os ritmos turcos, árabes e africanos.

Em *Journey to the Centre of an Egg* pela primeira vez Abou-Khalil compõe em colaboração, escrevendo com Kühn todas as faixas do CD. O resultado, segundo John Kelman escreve em *All About Jazz*, é o álbum de cruzamento de culturas (*cross-cultural*) mais livre e mais bem sucedido de todos os que Rabih já gravou.

*Rabih Abou-Khalil learnt to play the oud, a highly popular instrument in the Arab world, at the age of four in Beirut. The Lebanese Civil War forced him to move to Munich in 1978, where he studied classical flute. Here he began to see Arab music from the outside, and started to combine different musical systems, while seeking new ways of playing his instrument. He is now a leading-edge composer and musician with an extensive back-catalogue, and has performed at over 100 festivals.*

*Tonight's concert is based around the CD Journey to the Centre of an Egg. It includes one of Europe's best-known jazz pianists, Joachim Kühn, who co-wrote the CD, and drummer Jarrod Cagwin.*

CINEMA JANEIRO DE QUA 23 A DOM 27

# Histórias do Cinema por si próprio

Programa: Ricardo Matos Cabo

## PEQUENO AUDITÓRIO

€2 (Preço único)

M/12 · Filmes na versão original

Este programa é uma pequena introdução ao tema vasto das histórias do cinema através do cinema. Apresenta ensaios visuais, documentários e outras formas que reflectem através das imagens e dos sons uma visão crítica da História do Cinema para além da cronologia e da história dos autores ou épocas, recorrendo a excertos, à reutilização de imagens, à invenção e análise visual. O programa apresenta diversos exemplos e abordagens deste género maior, presente desde sempre na história do cinema: formas pedagógicas e críticas, meta-histórias do cinema, filmes--compilação, reconstituições e outras formas que se relacionam directamente com esta possibilidade do cinema de constituir um discurso sobre si próprio.

*This programme provides a brief introduction to the vast theme of the stories of cinema, as told by cinema itself. It presents visual essays, documentaries and other*

*formats that use images and sounds to reflect a critical view of cinematic history, going beyond chronology and the history of directors or eras. This programme uses excerpts, recycled images, and inventive visual analysis, featuring various examples and approaches of this great genre that has been present since the beginning of cinema: pedagogical and critical formats, meta-histories of cinema, compilation films, re-enactments and other formats directly linked to cinema's ability to create a discourse about itself.*

## Qua 23 · 18h30

### Modelos pedagógicos/críticos

*Naissance du Cinéma*

de Roger Leenhardt, 1945, 45'

*Eadweard Muybridge, Zoopraxographer*

de Thom Andersen, 1974, 60'

*Naissance du Cinéma* foi uma encomenda de Henri Langlois a Roger Leenhardt e faz uso da colecção de dispositivos cinematográficos da Cinemateca Francesa para reconstituir alguns momentos da história primitiva do cinema. O filme de Thom Andersen é um ensaio sobre as implicações históricas, científicas e políticas da obra de Eadweard Muybridge.

## Qua 23 · 21h30

### A tradição está na passagem do fogo e não no culto das cinzas

*Tradition ist die Weitergabe des Feuers*

*und Nicht die Anbetung der Asche* [A Tradição está na Passagem do Fogo e não no Culto das Cinzas]

de Gustav Deutsch, 1999, som, 1'

*The Film of Her*

de Bill Morrison, 1996, p/b, som, 13'

*Public Domain* de Hollis Frampton,

1972, p/b, sem som, 18'

*Transparencies* de Yervant Gianikian

e Angela Ricci-Lucchi, 1998, 10'

*Bits and Pieces* compilados no Nederlands Filmmuseum (selecção), 10'

*Standard Gauge*

de Morgan Fisher, 1984, 35'

Uma sessão dedicada à cultura do arquivo, da preservação do suporte e do fragmento através de diferentes exemplos – um documentário sobre a descoberta da colecção de “paper prints” da Library of Congress nos EUA, um filme de Hollis Frampton composto por imagens retiradas dessa colecção, duas alegorias sobre o fogo, a cinza, a preservação e destruição do suporte nitrato; uma colecção de fragmentos preservados pelo Nederlands Filmmuseum e finalmente um ensaio autobiográfico de Morgan Fisher composto por imagens de fragmentos de película coleccionados pelo realizador.

## Qui 24 · 18h30

### Clássicos instantâneos

*Intolerance (Abridged)*

de Standish Lawder, 1960, 15'

*Screening Room with Standish Lawder and Stanley Cavell* de Robert Gardner, 1973-2005, 70'

*Intolerance (Abridged)* é o primeiro filme de uma série que Standish Lawder chamou de



“clássicos instantâneos”. É uma redução e compressão da totalidade do filme de D.W. Griffith. O episódio de *Screening Room* documenta o encontro entre Standish Lawder e o filósofo norte-americano Stanley Cavell, aquando da publicação do seu primeiro e fundamental livro sobre cinema, *The World Viewed*.

## Qui 24 · 21h30

### A reconstituição biográfica, o ensaio visual, e o making-of experimental

*Le grand Méliès*

de Georges Franju, 1951, 25'

*Visual Essays: Origins of Film – Méliès Catalogue* de Al Razutis, 1973, 8'

*Visual Essays: Origins of Film – Sequels in Transfigured Time* de Al Razutis, 1976, 14'

*Visual Essays: Origins of Film – Lumière's Train (Arriving at the Station)*

de Al Razutis, 1979, 9'

*Autour de la Roue*

de Blaise Cendrars, 1920-23, 15'

*Autour de la Fin du Monde* de Eugène Deslaw, 1930, 15'

Um filme menos conhecido de Georges Franju, recreação de momentos da vida de George Méliès, tendo como protagonistas a própria família do realizador. De seguida três estudos visuais de Al Razutis, investiga-

ções sobre a matéria pictural e fantasmática dos filmes de Méliès.

A segunda parte da sessão abre com outro dos ensaios de Al Razutis da mesma série tendo como eixo as imagens da chegada à estação filmadas pelo irmãos Lumière. A fechar dois filmes raros sobre a rodagem de *La Roue* e *La Fin du Monde* de Abel Gance.

### Sex 25 · 18h30

#### Diversidade primitiva

*Opening the Nineteenth Century* de Ken Jacobs, 8'

A partir de filmes de viagem do catálogo Lumière, um filme que usa o Efeito Pulfrich a 3D. O filme é simétrico podendo ser mostrado em qualquer direcção. O feixe do projector mantém o ângulo quando encontra o écran, introduzindo volume e luz enquanto Paris, Cairo e Veneza de há um século atrás desfilam pelo écran.

*Tom Tom the Piper's Son* de Ken Jacobs, 1969, 115'

Análise do filme *Tom Tom The Piper's Son* realizado por Billy Bitzer em 1905, um filme inspirado numa gravura de William Hogarth, "Southwark Fair", originando uma transfiguração espectral das imagens de origem. Jacobs penetra na imagem, estudando cada plano em detalhe e criando um dos trabalhos mais importantes do cinema de vanguarda norte-americano.

### Sex 25 · 21h30

#### A saída da fábrica – variações

*Motion Picture: La sortie de l'usine lumière à Lyon* de Peter Tscherkassky, 1984, 3'30"  
*Arbeiter verlassen der Fabrik* de Harun Farocki, 1995, 36'  
*Factory Gate Films* da colecção Mitchell e Kenyon

Variações sobre um dos motivos primeiros da história do cinema – a saída da fábrica. O filme-compilação de Farocki reúne e comenta diversas imagens de filmes ao longo da história que mostram o movimento de saída dos trabalhadores. No final uma selecção dos filmes da dupla Mitchell e Kenyon, documentos sobre a Inglaterra no início do século.

### Sáb 26 · 16h30

#### As história(s) do cinema

*Visual Essays: Origins of Film – Storming the Winter Palace* de Al Razutis, 1984, 16'  
O último dos ensaios visuais de Al Razutis é uma reflexão sobre a montagem e a dialéctica nos filmes de Eisenstein a partir de imagens de "Outubro" e dos escritos de Benjamin Buchloh, entre outros.

*Gloria!* de Hollis Frampton, 1979, 10'

"Em *Gloria!*, Frampton confronta formas do século XIX com formas contemporâneas, através da junção de um filme de cinema primitivo com a imagem vídeo de material textual. (...) *Gloria!* transforma-se numa meditação cômica, por vezes comovente, sobre a morte, a memória e sobre o poder da imagem, música e texto para ressuscitar o passado." Bruce Jenkins

*Moments Choisis des Histoire(s) du Cinéma* de Jean-Luc Godard, 2000, 84'

"Aquilo que revela Godard nestes *Moments Choisis* é o valor introspectivo da sua reflexão em acto sobre a imagem. Não fazer da história do cinema um monumento cronológico, mas um sonho filosófico imemorial." E. de Lastens

### Sáb 26 · 18h30

#### A história elementar do cinema

*Conferência de Klaus Wyborny com projecção de Elementare Filmgeschichte*  
*A História Elementar do Cinema* de Klaus Wyborny é um trabalho em progressão desde 1971 – uma sucessão de filmes de Hollywood filmados de um ecrã de televisão. Filmando apenas alguns fotogramas de cada plano, Wyborny comprime os originais a apenas uns minutos cinéticos. O resultado não só tem o efeito de transformar "Morocco" ou "Million Dollar Legs" em antecipações do seu próprio trabalho, oferecendo uma análise útil da consistência visual que existe e atravessa um dado filme. Os filmes, ordenados cronologicamente tornam explícito o declínio da narrativa comercial e a cada vez maior dependência na forma do campo/ contra-campo. Klaus Wyborny estará presente para falar sobre este projecto.

### Sáb 26 · 21h30

#### Antologia do cinema –

#### Hartmut Bitomsky (I):

*Das Kino und der Tod* \* [O Cinema e a Morte] de Hartmut Bitomsky, 1988, 56'  
*Flächen, Kino, Bunker – Das Kino und die Schauplätze* \*\* [Superfícies, Cinema, Bunkers] de Hartmut Bitomsky, 1991, 52'  
"O primeiro filme do projecto Antologia do Cinema de Hartmut Bitomsky, pergunta-se "Porque é que o cinema sente necessidade da morte, se não a pode mostrar?" – O monólogo do realizador cruza o discurso das imagens. O segundo é um filme sobre os lugares tal como são imaginados pelo cinema: espaços de lembrança, reais, semelhantes...cruzados por Hitchcock, Chaplin, Buñuel, Renoir e Depardon.

### Dom 27 · 18h30

#### Antologia do cinema – Hartmut Bitomsky (II)

*Jean Rouch. Premier film: 1947-1991* de Dominique Dubosc, 1991, 27'  
Jean Rouch improvisa um novo comentário em harmonia com as suas imagens, terminando assim finalmente, em 1991, o seu «primeiro filme», *Au Pays des Mages Noirs*. *Das Kino und der Wind* und die *Photographie: Sieben Kapitel über Dokumentarische Film* \*\* [O Cinema, o Vento e a Fotografia: Sete Capítulos sobre o Filme Documental] de Hartmut Bitomsky, 1991, 52'  
Em "O cinema, o vento...", o cineasta inquire livremente extratos de citações sobre as imagens documentais e a sua "verdade". Cruzamos Flaherty, Ivens, Robert Frank, Peter Nestler, Jean Vigo...

### Dom 27 · 21h30

#### Morrer pelas imagens

*La mer et les jours* de Alain Kaminker e René Vogel, 1958, 22'  
*Mourir pour des images* de René Vautier, 1971, 45'  
"Morrer pelas imagens" reconstitui através de entrevistas a rodagem do filme *La Mer et Les Jours*, realizado em 1958 por Alain Kaminker e René Vogel (e com um texto de Chris Marker). Alain Kaminker desapareceu durante a rodagem do filme, um documentário sobre a vida dos habitantes da Ilha de Sein. O filme constitui-se como uma interrogação sobre os laços que unem quem filma a quem é filmado.

\* Filme legendado em inglês

\*\* Filme legendado em português

Programa sujeito a alterações

Consulte o nosso site: [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

# Swan Lake, 4 acts

## Lago dos Cisnes, 4 actos

De Raimund Hoghe

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 2h30 com intervalo · M/12

€20 · Jovens até aos 30 anos: €5

**Conceito e coreografia** Raimund Hoghe  
**Colaboração artística** Luca Giacomo Schulte

**Intérpretes** Ornella Balestra, Lorenzo

De Brabandere, Emmanuel Eggermont,

Raimund Hoghe, Nabil Yahia-Aissa

**Música** Tchaikovsky, *O Lago dos Cisnes*

**Luz** Amaury Seval, Raimund Hoghe

**Som** Frank Strätker

**Produção e digressões** Julie Bordez

**Produção** Raimund Hoghe (Düsseldorf),

Groupe Kam Laï (Paris)

**Co-produção** Festival Montpellier

Danse 05, La Bâtie – Festival de Genève,

Tanzquartier Wien, Residência de criação

em Le Quartz – Scène Nationale de Brest,

Centre Chorégraphique National de

Franche-Comté à Belfort, Le Vivat – Scène

conventionnée d'Armentières

**Com apoio do** Kaaitheater (Bruxelas)

“Alinhadas numa fila estão doze cadeiras desdobráveis. E em redor apenas uma sala nua com um negrume vazio e pesado.

Não é assim que começa o *Lago dos*

*Cisnes!* Onde está o Jardim, o Castelo, os convivas em vestes festivas? Onde está o aniversariante, o Príncipe Siegfried, cuja maioridade está a ser festejada? Com vozes russas, distante, um som quebrado, um *Lago dos Cisnes* esganiçado em vinil. A ‘Introdução’ de Tchaikovsky bem tenta em vão preencher o vazio dos primeiros minutos. À espera do quê? Por fim chega alguém. Não é o príncipe: trata-se de Raimund Hoghe, o coreógrafo em pessoa. Um duende de negro, metro e meio de altura, corcunda. Será de confiança?

Na pele de ‘Mestre de Cerimónias’ acende uma vela, no fundo do palco, senta-se e aguarda. Até chegar um segundo homem para esperar com ele, e um terceiro, todos de *t-shirt* e calças. E então chega uma mulher. Saltam à vista os traços refinados do seu rosto, o pescoço elegante, o andar clássico, os sapatos de salto alto. A sua aura de bailarina poderia cair bem a ambos os papéis, a jovem cisne recatada Odile e a negra, fria e calculista Odette, com as suas vibrações provocadoras e magnéticas. Senta-se e faz o mesmo que os demais. Nada.

Estranho jogo. Entre o público sente-



-se a inquietação. Está prestes a decidir-se, êxito ou fracasso? Talvez seja agora que os primeiros espectadores abandonam a sala. Hoghe sabe como manter a incerteza e leva-a à exaustão. Repentinamente começa o ritual, um sonho hipnotizante onde o ser e o parecer, ilusão e realidade, se fundem. Sempre com trechos da famosa partitura, é fácil deixarmo-nos ir...”

Marianne Mühlemann, *Der Bund*, 18.06.2007 (Trad. Nuno Bom de Sousa)

Europeu simultaneamente moderno e arcaico, contemporâneo e mitológico, Raimund Hoghe é uma personalidade siderante. Coreógrafo, bailarino, performer e quase artista plástico, parece conhecer tudo o que diz respeito ao palco como se fosse a sua alma, lenda ou memória. Raimund Hoghe foi jornalista, escritor em Wuppertal, tornou-se o dramaturgo de Pina Bausch. E um belo dia, este homem pequeno e corcunda de olhar ora penetrante ora desarmado, deu

o salto. Torna-se o dramaturgo da sua própria diferença, o argumentista de um corpo radicalmente outro, mais vasto do que o mundo, reflexo dos nossos segredos mais insondáveis.

Daniel Conrod

*An unusual start to Swan Lake, with 12 folding chairs in a bare hall. Where are the garden, the guests, Prince Siegfried? And the first person to appear on stage? The choreographer Raimund Hoghe. He lights a candle, sits down and waits. A second man appears, then a third, in t-shirts and trousers. Then an elegant woman in high heels – Odile or Odette? But, like the others, she just sits down. The atmosphere is tense and uncertain.*

*The short, hunchbacked Hoghe is a choreographer and performer with a deep understanding of the stage. He was playwright for Pina Pausch before striking out on his own, his work reflecting his own “otherness” and our deepest secrets.*

# O que é a biopolítica?

## PEQUENO AUDITÓRIO · 18h30

Entrada gratuita. Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo: 2 senhas por pessoa.

**Programação** André Dias, António Guerreiro  
**Colaboração** Davide Scarso

A matéria política com que hoje estamos confrontados é eminentemente biopolítica. A guerra contra o terrorismo, as medidas de segurança e as legislações que controlam o movimento dos cidadãos no interior dos Estados, a fuga em massa das populações do terceiro mundo, as políticas demográficas e de saúde, as discussões sobre o aborto e a eutanásia: a importância que ganharam todas estas questões nos debates públicos e nos cálculos de toda a governação mostra que a politização da vida, a implicação mútua do “bios” e do político, se tornou um facto maior do nosso tempo.

Deve-se a Michel Foucault, no final de *A Vontade de Saber*, a formulação que define o modo como, a partir da época moderna, a vida natural do homem passou a ser objecto dos mecanismos do poder. As investigações de Foucault, neste domínio, ficaram por desenvolver. Mas foi a partir delas que se começou a pensar a crescente sobreposição dos

dois âmbitos, fenómeno que tem uma afirmação absoluta nos totalitarismos do século XX, muito especialmente no nazismo, para o qual a política se torna intrinsecamente biológica e a vida tem imediatamente uma dimensão política.

O paradigma biopolítico dos Estados totalitários, na sua dimensão exacerbada, é um revelador daquilo que se tornou entretanto politicamente decisivo nas democracias parlamentares do nosso tempo: a vida biológica. Sem a referência à biopolítica, não podemos compreender o movimento de despolitização generalizada que tomou conta de projectos e instituições e reduziu o discurso político à discussão e gestão das contingências sociais e económicas. O factor biopolítico obrigou a repensar as categorias políticas tradicionais. AG

*Politics today are eminently biopolitical. The war on terrorism, security measures and laws to monitor people's movement within states, mass migrations, abortion and euthanasia have all become major topics and show how biological life has been politicized.*

## 12 de Fevereiro

**Uma introdução à biopolítica** por António Guerreiro (Crítico literário do *Expresso*, publicou o livro de ensaios *O Acento Agudo do Presente*)



## 19 de Fevereiro

**O governo como problema** por José Luís Câmara Leme (Univ. Nova de Lisboa)  
Alguns pensadores diagnosticaram recentemente uma crise de governamentalidade nas sociedades ocidentais que teria duas dimensões principais: da parte dos governantes consistiria na incapacidade de dar sentido às políticas promovidas; da parte dos governados, existiria uma descrença nas instituições e nos objectivos propostos pelos governos.

## 26 de Fevereiro

**A ocultação bioética** por António Fernando Gascais (Univ. Nova de Lisboa)  
A bioética surge como alternativa à deontologia médica e à teologia moral, mas tende a ser reabsorvida por elas. Definida como o próprio processo de apropriação da vida biológica pela política na modernidade, a biopolítica constitui-se como um verdadeiro paradigma concentracionário. Nesta perspectiva, a regulação (bio)ética da biotecnociência não é impeditiva da inumanidade biopolítica.

## 4 de Março

**Biotecnologia e novos mundos possíveis da vida** por Hermínio Martins (St. Antony's College – Oxford, ICS)  
As descobertas e invenções da biociência, biotecnologia, bioengenharia, convergindo com a nanotecnologia e as tecnologias da cognição, sugerem perspectivas de transformações radicais no mundo da vida. No da vida não-humana, um planeta geneticamente modificado, e mesmo redesenhado pela biologia sintética. No da vida humana, as transformações podem afectar os parâmetros fundamentais da sua condição.

## 11 de Março

**Espaços de controlo** por Fernando Poeiras (ESAD Caldas da Rainha)  
A expansão de tecnologias de vigilância e de segurança alterou o controlo social, introduzindo diferentes estratégias de biopoder. Como a distinção norma/desvio tende a ser substituída pela de normalidade/acidente e a coerção pela necessidade, o exercício do controlo social é reconfigurado.

# Aproximações à biopolítica

## PEQUENO AUDITÓRIO E SALA 2

Entrada gratuita. Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo: 2 senhas por pessoa.

Depois da pequena série de conferências introdutórias *O que é a biopolítica?*, em que se procura abordar as zonas problemáticas de maior visibilidade da biopolítica, sugerimos um conjunto mais diversificado e especializado de aproximações a este fenómeno da contemporaneidade. Assim, três programas de breves conferências procuram discernir aspectos teóricos, concretos e de ordem estética relevantes para a sua compreensão. O paradigma securitário será posto em causa numa conferência e uma mesa-redonda analisará a visibilidade pública da biopolítica. Estas *Aproximações à biopolítica* concluir-se-ão com uma conferência por um dos seus mais importantes pensadores internacionais, o filósofo italiano Roberto Esposito.

*The short series of introductory talks entitled O que é a biopolítica?, which seeks to deal with the most obvious issues of biopolitics,*

*is followed by a more diverse and specialized look at this modern phenomenon. These "approaches to biopolitics" will be rounded off with a talk by one of its leading international thinkers, the Italian philosopher Roberto Esposito.*

### Sexta 14 · 10h00 · Sala 2

#### Programa *Espectros da vida nua*

O medo da morte e a conservação da vida por António Bento, A biopolítica como sintoma do arcaico por José Bragança de Miranda, O nacional-socialismo e a política sobre a vida por Alexandre Franco de Sá, Figuras contemporâneas do biopoder por José Caselas, *Autópsia in vivo* por André Dias.

### Sexta 14 · 15h00 · Sala 2

#### Programa *Concretudes do poder*

Micropolítica, biopolítica por José Gil, O governo da vida e as transformações da democracia por João Arriscado Nunes, Modelos evolutivos e ideologia por António Bracinha Vieira, A luta sem futuro de revolução por Eduardo Pellejero, O inconsciente biopolítico do arquivo audiovisual por Susana Duarte.

### Sexta 14 · 18h30 · Pequeno Auditório

#### Andrea Cavalletti

##### *Mitologia da segurança*

A fórmula de Hobbes «fora do Estado nenhuma segurança» exprime o paradoxo da política moderna. Ela define o perigo a partir do Estado (como o “seu” próprio fora) e, ao mesmo tempo, o Estado a partir do perigo. A fórmula torna assim desde logo evidente como o dispositivo estatal não pode nem deve anular alguma vez o risco, mas antes evidenciá-lo, procurá-lo continuamente e, não o encontrando, inventá-lo. É precisamente esta impossibilidade constitutiva que torna o Estado moderno capaz de tudo.

Andrea Cavalletti ensina Estética e Literatura Italiana na Universidade Iuav de Veneza. Ocupou-se, entre outros, de Warburg, Benjamin, Bialik, de filosofia política, e da ciência do mito, com a edição da obra de Furio Jesi. Publicou, para além de vários ensaios, o livro *La città biopolitica* (Mondadori, Milão, 2005).

### Sábado 15 · 11h00 · Pequeno Auditório

#### *Um desafio à política?*

Mesa-redonda que procura avaliar a eventual relevância da biopolítica para a interpretação dos fenómenos políticos contemporâneos, com Rui Tavares, José Neves, Ivan Nunes e André Freire, e moderada por António Guerreiro.

### Sábado 15 · 15h00 · Sala 2

#### Programa *A arte, a vida*

O indestrutível por Silvína Rodrigues Lopes, O animal profundo por Maria Filomena Molder, Os corpos inimagináveis por Jorge Leandro Rosa, Sobreviventes – O silêncio do corpo que cai por Eugénia Vilela, Na “zona cinzenta” por Nuno Lisboa.

Roberto Esposito



### Sábado 15 · 18h30 · Pequeno Auditório

#### Roberto Esposito

##### *Riscos e potencialidades da biopolítica global*

A mudança de época no final dos anos 1980 levou ao uso e à difusão do paradigma de biopolítica, elaborado no decénio precedente por Foucault. A partir da sua definição, será necessário reconstruir a sua progressiva transformação, nos anos 30 do século XX, de uma política da vida numa política da morte. Esta incidência sobre a tanatopolítica nazi permitirá diagnosticar a fase actual da biopolítica global, com os seus riscos e potencialidades, e sugerir a possível relação entre biopolítica e prática filosófica.

Nascido em 1950, Roberto Esposito é professor de Filosofia na Università degli Studi de Nápoles, Itália. Através da análise das categorias políticas clássicas e modernas, o seu pensamento vai sublinhando os limites do político na época contemporânea. Entre as suas obras, ainda não editadas em Portugal, destacam-se *Categorie dell'impolitico* (Il Mulino, 1988) e *Communitas. Origine e destino della comunità* (1998), *Immunitas. Protezione e negazione della vita* (2002), *Bíos. Biopolitica e filosofia* (2004) e o recente *Terza persona. Politica della vita e filosofia dell'impersonale* (2007), publicadas pela Einaudi.



# Aka Moon

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M/12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

**Saxofone alto** Fabrizio Cassol

**Baixo Fender** Michel Hatzigeorgiou

**Bateria** Stéphane Galland

O saxofonista Fabrizio Cassol, o baixista Michel Hatzigeorgiou e o baterista Stéphane Galland, todos belgas, tocavam, na sua juventude, em diversos grupos, incluindo o Nasa Na Band que formavam com o guitarrista Pierre Van Dormael. Em 1990 os três encontram-se na República Centro-Africana, em plena tribo dos pigmeus Aka, gente incrivelmente tolerante que praticava uma música polifónica e polirítmica na qual os três amigos foram iniciados.

De volta à Europa, decidem formar o grupo Aka Moon em 1991, gravando o

seu primeiro disco em 1992 (*Aka Moon*) inspirado na metodologia que os pigmeus usavam na criação da sua música.

Desde então o grupo cresceu, gravou uma quinzena de álbuns, actuou por toda a Europa e nos Estados Unidos sempre com grande sucesso, apresentou-se no teatro de ópera de Bruxelas La Monnaie, participou em espectáculos das companhias Rosas ou Les Ballets C. de la B., integrou na sua música elementos de várias origens, construiu várias formações que incluíram, entre muitos outros, músicos como os guitarristas Marc Ducret ou David Gilmore, percussionistas como o senegalês Doudou N'Djaye ou o indiano Sivananam, o tablista, indiano também, Ancesh Pradham ou, recentemente, uma “orquestra” de DJ’s.

Normalmente catalogado como um grupo de jazz de vanguarda, receberam influências da música erudita

Fabrizio Cassol



Michel Hatzigeorgiou



Stéphane Galland



contemporânea, do rock, da *world music*. Extremamente original, o grupo suscitou o seguinte comentário de um crítico: “Aka Moon está para o jazz moderno como um fim-de-semana na lua está para um agente de viagens: é o futuro.”

Gozando de uma enorme popularidade no seu país, a banda é capaz de atrair audiências de mais de 2000 pessoas. Se os seus discos são sempre acolhidos com entusiasmo, é nos concertos ao vivo que os Aka Moon são especialmente brilhantes e revelam toda a riqueza da sua música.

*Saxophonist Fabrizio Cassol, bassist Michel Hatzigeorgiou and drummer Stéphane Galland, are all from Belgium. In 1990 they were in Africa, amongst the Aka Pygmy tribe, whose music is polyphonic and polyrhythmic.*

*Back in Europe they formed Aka Moon*

*in 1991, and their first CD was inspired by the methods used by the Pygmies to create music.*

*Aka Moon have since recorded 15 CDs, played throughout Europe and the US. They have incorporated all forms of music, and played with the likes of Marc Ducret, David Gilmore, Doudou N'Djaye and Sivananam.*

*They are usually talked of as a vanguard jazz group, referred to by one critic as the future of jazz. They are hugely popular at home, and are a superb live band.*

# Mari Boine

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração aproximada: 1h30 · M/12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

**Guitarras** Georg Buljo **Trompete** Ole Jørn

**Bateria** Gunnar A **Baixo** Svein Scultz

**Flautas** Carlos **Voz** Mari Boine

Mari Boine é muitas vezes identificada como porta-voz do povo Sami, autóctone da região também muitas vezes designada por Lapónia, no Norte da Escandinávia. Porque pertence a esse povo, porque tem lutado pelos seus direitos, política e culturalmente, porque a língua e a música tradicional Sami estão sempre presentes nas suas canções, porque começou a cantar publicamente, no início dos anos 1980, em revolta pela opressão que o seu povo sofria.

Mas Mari não se acha porta-voz dos Sami. “Não posso representar um povo

inteiro. Mas posso contar a minha história como Sami e dessa forma contar parte da história do povo Sami. Nas minhas canções posso descrever a dor da opressão, a luta para ganhar o respeito próprio, mas também a alegria de crescer numa cultura que tem uma ligação tão forte com a natureza”.

A música pode tocar-nos de uma forma insuspeita. Pode oferecer significados, mas pode também criar momentos que não conseguimos definir. A música pode confundir-nos, mas também pode fazer-nos sentir felizes, exaltar-nos espiritualmente ou enriquecer-nos. A música de Mari Boine tem estes efeitos.

Não se deixa o encontro com Mari e a sua música sem se ser tocado profundamente. A sua música é simples, mas no encontro entre as suas canções, a sua voz, a sua banda, revela-se a sua força. Temos que ouvi-la com o espírito aberto: se não



nos entregarmos, talvez não consigamos descobrir a riqueza que ela tem para nos oferecer.

O primeiro álbum que Mari gravou foi em 1989. Chamava-se *Gula-Gula*, foi distribuído pela Real World Records, de Peter Gabriel e deu-lhe de imediato fama internacional que tem vindo sempre a consolidar-se e a expandir-se nestes quase vinte anos passados.

O concerto desta noite é baseado no seu último álbum *Idjagiedas* (“Na mão da noite”), editado em Agosto de 2006, por alguns considerado o seu melhor disco.

*Mari Boine is often seen as the spokeswoman of the Sami people of Lapland in northern Scandinavia. Traditional Sami music and language are always present in her songs, but she does not see herself as a spokeswoman. She believes her songs can describe the pain of oppression, but also the joy of*

*growing up in a culture with such strong ties to nature.*

*Her music is simple, but its strength is in the combination of her voice, band and songs. You need an open mind to listen to her, or you may miss out on what she has to offer. Her first album was called Gula-Gula, and brought her international fame, which has continued to grow. Tonight's concert centres around her latest CD Idjagiedas.*

# Lontano

## Tomasz Stanko

### Quartet

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M/12

€20 · Jovens até aos 30 anos: €5

**Trompete** Tomasz Stanko

**Piano** Marcin Wasilewski

**Contrabaixo** Sławomir Kurkiewicz

**Bateria** Michał Miskiewicz

O trompetista Tomasz Stanko tinha 20 anos e uma licenciatura na Academia de Música de Cracóvia quando formou a sua primeira banda, em 1962, frequentemente considerada, por historiadores do jazz, como o primeiro grupo europeu de *free jazz*. No ano seguinte Stanko foi convidado a integrar o quinteto do pianista Krzysztof Komeda (1931/1969) o grande precursor do jazz polaco. E foi Komeda quem mais influenciou a orientação musical que o trompetista iria seguir. Durante cinco anos Stanko fez parte do grupo e aparece em onze álbuns gravados nesse período.

Em 1970 juntou-se a Alex Schlippenbach's Globe Unit Orchestra,

onde contactou com as principais figuras do jazz europeu de vanguarda. Fundou depois diversos grupos, tocou com músicos como Don Cherry, Edward Vesala, Chico Freeman, Howard Johnson, Cecil Taylor e muitos outros. Na década de 1970 gravou para a ECM, para a qual voltou a gravar na década de 1990, com músicos como Dave Holland, Gary Peacock, Jan Garbarek, Dino Saluzzi, John Surman entre outros. E é com esta editora que mantém uma relação continuada.

Paralelamente formou o seu quarteto com músicos polacos que se tornou para si a prioridade. O pianista Wasilewski, o contabaixista Kurkiewicz e o baterista Miskiewicz formavam um muito jovem trio quando Tomasz Stanko os ouviu no princípio dos anos 1990. Desde 1994 começou a tocar com eles. *Soul of Things* (2001) foi o primeiro disco que gravaram, – para a ECM, como os que se lhe seguiram – e proporcionou à banda numerosos concertos na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá tendo contribuído



para os prémios que Stanko recebeu em 2002. Em 2004 editaram *Suspended Night*, que de novo recebeu o melhor acolhimento da crítica e foi o primeiro disco de jazz europeu a estar entre os álbuns de jazz mais vendidos nos Estados Unidos. Em consequência, os concertos multiplicaram-se pela Europa, Estados Unidos, Austrália, Japão, Coreia do Sul.

O último disco da banda, *Lontano*, está na base do concerto desta noite. Para Stanko, este é o melhor álbum dos três que gravou com o seu quarteto. Os críticos de jazz reunidos pela revista *Down Beat*, que todos os anos escolhem os melhores, classificaram-no em oitavo lugar na categoria Álbum do Ano enquanto Stanko ficou em sexto na categoria Trompetista do Ano.

*Trumpeter Tomasz Stanko was a 20-year-old music graduate when he formed his first group in 1962, seen by some as Europe's first free jazz group. His main influence was pianist Krzysztof Komeda, with whom he played for five years.*

*He went on to form several bands, playing with Don Cherry, Edward Vesala, Chico Freeman, Howard Johnson and others, and recording with such people as Dave Holland, Gary Peacock and Jan Garbarek.*

*His priority is his Polish quartet, with pianist Wasilewski, bassist Kurkiewicz and Miskiewicz on drums. Their CDs have sold well in Europe and the US, and they have toured widely. Their latest CD, Lontano, forms the core of tonight's concert.*

# Clássicos do Século XX

Concerto comentado por Ana Telles

GRANDE AUDITÓRIO · 11h00

Duração: 1h00 · M/6 · €2 (Preço único)

Para este concerto a bilheteira abre das 10h às 11h, retomando o horário normal às 14h.

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Clarinete Nuno Silva

Maestro Jean-Sébastien Béreau

Coro de Câmara da Universidade de Lisboa

Programa:

Claude Debussy

Rapsódia para Orquestra e Clarinete

Bela Bartók

Dois Retratos, Op. 5

Olivier Messiaen

Três Pequenas Liturgias

Neste concerto são interpretadas obras de três grandes compositores do século XX. Se bem que não sejam as

mais carismáticas dos seus catálogos, constituem manifestas demonstrações da mestria que nos habituámos a associar aos seus autores e à singularidade da proposta artística com que cada um deles confrontou a sua época.

A *Rapsódia para Orquestra e Clarinete* é, apesar do título, um extraordinário exemplo de consistência discursiva. Nela revela-se plenamente a identidade musical debussyniana: a ruptura com a previsibilidade formal, a exploração dos recursos tímbricos instrumentais, a desintegração das linearidades rítmica e dinâmica e o imaginário sonoro conotado com o Impressionismo e o Simbolismo.

Já os *Dois Retratos* de Bartók demonstram a meticulosa consciência com que o compositor húngaro sempre trabalhou os “materiais” rítmicos e melódicos, numa prodigiosa síntese entre uma postura



assumidamente modernista e as tradições clássica e popular. Nesta obra, um mesmo fragmento melódico é tratado de forma contrastante em duas peças orquestrais distintas.

Por último, Messiaen deixou-nos nestas suas *Três Pequenas Liturgias* um valioso testemunho da concepção da arte como manifestação da fé religiosa. Aí encontramos o seus característicos andamentos lentos, com amplas melodias e instrumentos electrónicos integrados em conjuntos instrumentais sempre surpreendentes. Trata-se de uma partitura para piano, cordas, percussão e coro feminino onde se estabelece uma ambiência introspectiva particularmente propícia à contemplação.

*This concert sees performances of works by three 20<sup>th</sup>-century composers. Despite its name, Rhapsody for Orchestra and*

*Clarinet is an extraordinary example of discursive consistency, revealing Debussy's musical identity: his break with formal predictability and his exploration of instrumental timbre.*

*Bartok's Two Portraits shows his meticulous approach to rhythm and melody, combining modernity with classical and popular traditions. In this work, one melody is used in two very contrasting ways.*

*Finally, we have Messiaen's Trois Petites Liturgies, revealing art as a demonstration of religious faith.*

TEATRO FEVEREIRO / MARÇO DE TER 26 FEVEREIRO A SÁB 1 MARÇO

# ENGLAND INGLATERRA

Uma peça para galerias  
de Tim Crouch (news from nowhere)

**GALERIA 2 · 21h30** Duração: 1h00  
M/12 · €12 · Jovens até aos 30 anos: €5  
Espectáculo falado em inglês,  
sem legendas

**Texto** Tim Crouch **Encenação** Tim Crouch,  
Karl James e a smith **Com** Tim Crouch e  
Hannah Ringham **Desenho de som** Dan  
Jones **Uma encomenda** do Traverse Theatre  
de Edimburgo **Uma produção** news from  
nowhere **co-produzida por** Culturgest e  
Warwick Arts Centre

**Nota: o público fica de pé durante parte  
do espectáculo**

Dois guias numa exposição. Dois aman-  
tes com um estilo de vida a manter. Dois  
corações que batem a doze mil quilóme-  
tros de distância. Traduções. Transacções.  
Um transplante.

*ENGLAND* é a história da busca por  
um novo coração. É sobre uma vida que  
se salva e uma doença que se ultrapassa a  
qualquer custo. É uma visita guiada que  
atravessa espaços e fronteiras: de uma

galeria de arte a uma fábrica de compota,  
de Lisboa a Osaka, da cama de um hospi-  
tal a um quarto de hotel.

É uma visita guiada ao fim do mundo.

“Os pacientes gostam de olhar para os  
quadros. Ajuda-os a sentirem-se melhor  
com as suas doenças.”

Decorrendo na Galeria 2 da Culturgest,  
durante uma exposição da artista Frances  
Stark, a peça dá continuidade ao fascínio  
de Tim Crouch pela natureza da experi-  
ência teatral, pela comunicação de uma  
ideia do actor ao público – e reciprocamente.  
Co-produzido pela Culturgest,  
este é o terceiro espectáculo de Tim  
Crouch para adultos, depois dos multi-  
-premiados *my arm* e *an oak tree*, ambos  
aqui apresentados (em 2004 e 2006,  
respectivamente).

O espectáculo estreou em Agosto de  
2007 no Fringe Festival de Edimburgo,  
onde recebeu três prémios. O texto será  
publicado nos Livrinhos de Teatro dos

*The Heart of Jane Prophet* (prata sobre Protótipo Rápido folheado a cobre de um coração humano saudável) · Fotografia de Steve Payne



Artistas Unidos, em conjunto com a  
tradução de *an oak tree*, numa co-edição  
com a Culturgest.

De forma quase tangencial, Crouch  
fornece a descrição da diferença mais  
compassiva e saliente que espero ver num  
Fringe que este ano foi inundado pela  
temática do Médio Oriente. Também  
surge a confirmação de que é um colabo-  
rador singularmente empenhado com a  
imaginação e os processos mentais do seu  
público. De várias formas, isto não tem  
nada a ver com teatro tal como normal-  
mente o entendemos, e no entanto em  
elementos cruciais é da sua essência que  
se trata.

Ian Shuttleworth, *Financial Times*,  
06.07.2007

*Two guides in a gallery. Two lovers with a  
lifestyle to maintain. Two hearts beating  
eight thousand miles apart. Translations.  
Transactions. A transplantation.*

*ENGLAND is the story of a search for a  
new heart. It's a story about a life saved and  
an illness overcome at any cost. It's a tour  
through spaces and across borders: from an  
art gallery to a jam factory, from Lisbon to  
Osaka, from a hospital bed to a hotel room.*

*It's a tour to the end of the world.*

*Taking place in Gallery 2 within an  
exhibition of work by Frances Stark, the play  
continues Tim Crouch's fascination with the  
nature of the theatrical experience; the com-  
munication of an idea from actor to audience  
– and back again.*

*ENGLAND is Tim Crouch's third play  
for adult audiences.*

# Repartição

De Miguel Castro Caldas  
Um espectáculo dos Primeiros Sintomas

**GRANDE AUDITÓRIO (lotação reduzida)**  
21h30 Dur: Espectáculo em criação · M/12  
€12 · Jovens até aos 30 anos: €5

**Texto** Miguel Castro Caldas

**Encenação** Bruno Bravo Com Ana Brandão, Anabela Brígida, Bruno Simões, Gonçalo Amorim, Peter Michael, Raquel Dias, Ricardo Neves de Neves, Tiago Viegas

**Cenografia** Stephane Alberto

**Adereços e Figurinos** Ana Teresa Castelo

**Música** Sérgio Delgado **Desenho de luz**

José Manuel Rodrigues **Movimento** Luca

Aprea **Assistência de produção** Andreia

Carneiro **Direcção de produção** Mafalda

Gouveia **Uma co-produção** Primeiros

Sintomas, Culturgest

Depois de *Nunca-Terra, em vez de Peter Pan*, espectáculo apresentado em 2005, os Primeiros Sintomas voltam a co-produzir com a Culturgest um novo texto de

Miguel Castro Caldas. O texto será publicado, em co-edição, na colecção Livrinhos de Teatro dos Artistas Unidos.

Ana começa. Acabaram as repartições de finanças. Ana entra em conflito interno. Acabaram-se as repartições de finanças. A voz da Ana várias vozes. Vozes de outros. O cúmulo dos outros é o funcionário da repartição de finanças a quem vamos declarar os rendimentos. O funcionário está doente. Ana tem de ir a casa dele. Era o tempo da última repartição de finanças. Viagem. Leito de morte do funcionário. Momento amoroso, em que Ana declara os rendimentos ao funcionário moribundo.

Miguel Castro Caldas

Miguel Castro Caldas já escreveu para os Primeiros Sintomas, sempre com encenação de Bruno Bravo, as peças A



*Montanha Também Quem* (2003), *O Homem do Pé Direito* (2003), *O Homem da Picareta* (2003), *Conto de Natal – variações de Dickens* (2004), *Nunca-Terra* (2005), *É bom boiar na banheira* (2006), *É agora baixou o Sol* (2007). Para o actor Gonçalo Waddington escreveu *Comida* (2006).

Os Primeiros Sintomas existem desde 2001. Para além das encenações de Bruno Bravo e dos textos de Miguel Castro Caldas, trabalharam com os autores Francisco Luís Parreira e Fernando Villas-Boas e com os encenadores Sandra Faleiro, Cristina Carvalhal e Gonçalo Amorim. Fizeram também espectáculos a partir de Mary Shelley, Paul Auster e Boris Vian. Montaram ainda *Endgame* de Beckett (2004) e *Foder e ir às compras* de Mark Ravenhill (2007).

*Ana's voice – many voices, including that of the tax inspector. He is ill. Ana goes to his house. His death bed. A loving moment as Ana makes her tax declaration to the dying inspector.*

*Miguel Castro Caldas has written several plays for Primeiros Sintomas.*

*Primeiros Sintomas were formed in 2001, and their artistic director is Bruno Bravo. They have staged works by Miguel Castro Caldas, Francisco Luís Parreira, Fernando Villas-Boas, Mary Shelley, Paul Auster, Boris Vian, Beckett and Mark Ravenhill.*

# BassDrumBone

## CICLO ISTO É JAZZ?

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M/12 · €5 (Preço único)

**Trombone** Ray Anderson  
**Contrabaixo** Mark Helias  
**Bateria** Gerry Hemingway

O que é o jazz, hoje? A pergunta está continuamente a ser feita, e até já foi estampada em *t-shirts*. Se nenhuma resposta definitiva apareceu, não é porque não exista, mas por serem várias e distintas as respostas possíveis, nenhuma necessariamente mais verdadeira do que as outras. Poucas músicas, aliás, têm um carácter tão plural, e é essa diversidade que procuramos retratar com este ciclo de concertos na Culturgest. O programa que propomos junta músicos norte-americanos e europeus, cada um deles com o seu *background* próprio e perspectivas bem diferenciadas sobre o género. Não

se trata de um jazz apenas, mas de vários, em concordância com o estatuto de abertura, permeabilidade e constante mutação desta prática musical, propiciado pelos mecanismos de cooperação e troca que o próprio acto de improvisar em grupo implica.

Nos dias que correm, falar de *free jazz*, *bebop* ou outra qualquer subcategoria estilística do passado para classificar a música apresentada não tem mais relevância senão a de dar um enquadramento ou uma referência base ao que ouvimos. Há quem sustente que o não surgimento no jazz de uma nova frente organizada – uma nova vanguarda – se deve ao facto de não ter surgido ainda um paradigma que substitua os firmados nas décadas de 1940 e 60, mas o certo é que a sua condição presente é precisamente a particularidade de dispensar o uso de padrões fixos e estáveis, ou pelo menos



o de misturar aspectos dos existentes. A própria noção de “vanguarda” implodiu – estar mais à frente, ou mesmo ao lado, nada quer dizer quando a verdade é que já não há um centro nevrálgico no jazz deste início do século XXI.

É certo que o jazz carrega com o peso da sua história, mas a tendência é para que esta não seja simplesmente reproduzida. Os conceitos herdados de Duke Ellington, Charlie Parker, Charles Mingus, John Coltrane e Ornette Coleman podem dar origem à fabricação do Novo, e a prova disso será dada nesta série de espectáculos. O fluxo do tempo é feito de permanente renovação, mas Nietzsche chamava-lhe de “eterno retorno”, porque sabia que o que vem detrás explica o que vai acontecer de seguida e o que está adiante é de alguma forma a consequência do que antes se verificou.

*What is jazz today? There are many answers to that question, all equally valid, because few forms of music are so varied. These concerts at Culturgest aim to reflect that diversity, bringing together American and European musicians, each with their own background and departure point.*

*Nowadays, the old subcategories are of limited use, because there is no current stylistic paradigm to replace those of the 1940s and 1960s, but rather a mixture of existing features, or even no set pattern at all.*

*Jazz has a remarkable history, but musicians do not merely reproduce it. Instead, Ellington, Parker, Mingus, Coltrane and Coleman can be used to create something new, as these concerts will show.*

# Solo a Ciegas (título provisório)

De Olga Mesa

**PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO**

**21h30** Dur: Espectáculo em criação · M/12  
€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

**Conceito, coreografia, interpretação e vídeo** Olga Mesa **Espaço sonoro** a definir  
**Vídeo** Mathieu Holler **Espaço de luz** Isabelle Fuchs **Direcção técnica** Christophe Lefèbvre **Direcção de produção** Isabelle Fuchs **Produção** Cie Olga Mesa/  
Association Hors Champ-Fuera de Campo;  
Centre Chorégraphique National de Tours  
**Co-produção** Culturgest, Lisboa; CCN  
de Tours, França; O Espaço do Tempo,  
Montemor-o-Novo  
**Apoios** Cidade de Estrasburgo

Voltar à criação a solo é sempre uma oportunidade para retomar o pulso íntimo da minha pesquisa, de voltar a tocar a essência do meu trabalho, ajudando-me a questionar as necessidades, a reflexão e os posicionamentos da minha criação actual.

Ainda é cedo para saber como se situará o meu corpo em cena neste novo

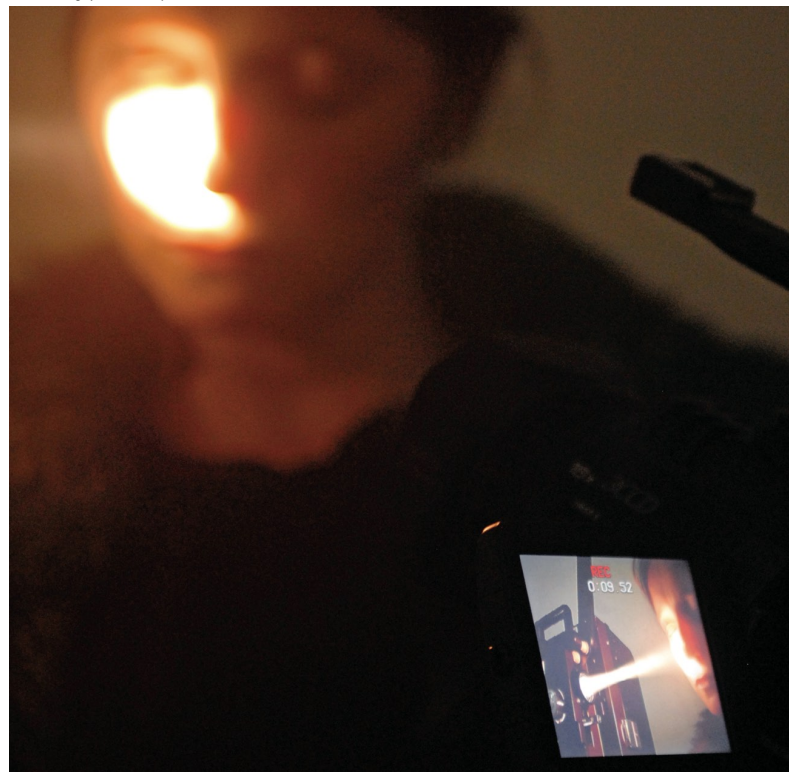
trabalho, mas sinto um grande desejo de escutá-lo e senti-lo. “E agora vou deixar-me levar”, como dizia Mónica Valenciano numa das suas obras.

Uma parte importante das minhas reflexões e das minhas descobertas nasce da experiência vivida através deste corpo (que não é só meu) que se perde, se procura e se interroga. Princípios que nascem do instante, e a sua formulação.

Todos os olhares possíveis estão inscritos na memória de um corpo. A actual evolução do meu trabalho situa-se em todas estas fragmentações do espaço, real ou imaginário, e nas presenças que possa dar ao meu corpo nesta construção sempre em processo.

Olga Mesa

Coreógrafa e artista visual espanhola, Olga Mesa desenvolve actualmente a sua actividade entre Espanha e França, onde em 2005 criou a associação Hors Champ/Fuera del Campo e onde esteve em residência, no Théâtre Pole Sud, Estrasburgo, até ao Outono de 2006. Vários dos seus



trabalhos têm sido apresentados em Portugal, nomeadamente, em anos recentes, as suas colaborações com o artista audiovisual catalão Daniel Miracle.

*Creating solo again is always a chance to return to the essence of one's work and take stock. Olga Mesa is unsure how her body will fit into this new oeuvre, but she is going to let herself be carried away. Many of her discoveries have been made via her own body – principles that are created in an instant.*

*Her work's current state of development depends on the presence she gives to her body in this ongoing constructive process.*

*Olga Mesa has acquired international recognition for her solos, for an original work with the camera brought on stage as well as for video-art films. Throughout her career, she has developed a special relationship with Portugal, as her works have been presented on a regular basis by numerous institutions and festivals (Montemor-O-Velho, Covilhã/Fundão, Lisboa).*



# Quarteto Remix

Concerto comentado por Rui Pereira

**GRANDE AUDITÓRIO · 11h00**

Duração: 1h00 · M/6 · €2 (Preço único)

Para este concerto a bilheteira abre das 10h às 11h, retomando o horário normal às 14h.

## Quarteto Remix

**Violinos** Angel Gimeno e José Pereira

**Viola** Trevor McTait **Violoncelo** Oliver Parr

## Programa:

**Cláudio Carneiro**

Quarteto de Arcos em Ré menor (1947)

- 1 *Austeramente*
- 2 *Andante assai moderato*
- 3 *Rondo alla Lusa*

**Benjamin Britten**

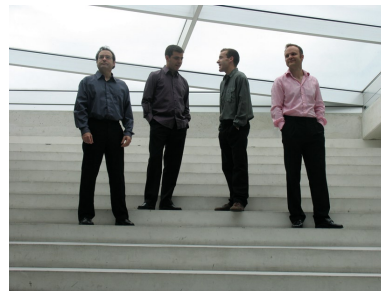
Quarteto de Cordas n.º 2, em Dó maior, op.36 (1945)

- 1 *Allegro calmo senza rigore*
- 2 *Vivace*
- 3 *Chacony*

Cláudio Carneiro nasceu no Porto, em 1895. Estudou composição com Théodore Dubois e Paul Dukas em Paris. Desde as primeiras obras que compôs, revelou uma especial aptidão para a escrita para cordas. O *Quarteto de Arcos em Ré menor* foi escrito em 1947. Dividido em três andamentos, tem nos dois primeiros um retrato da ambiência carac-

terística das obras de Cláudio Carneiro, uma certa melancolia que aqui é acentuada por um cromatismo e pendor modal que lembram obras congêneres de Chostakovitch. A instabilidade tonal é igualmente dominante numa obra que não deixa de ser extremamente melódica. O último andamento é um intrigante *Rondo alla Lusa* onde é possível reconhecer vários temas de carácter popular, se bem que distorcidos por diversas técnicas de harmonização, polifonia e, sobretudo, desfasamento rítmico.

Benjamin Britten nasceu em Lowestoft, em 1913. De entre os três quartetos para cordas que compôs, o segundo é considerado o mais notável. Resultou numa homenagem a Purcell no 250º aniversário da sua morte. O primeiro andamento está estruturado numa tradicional forma-sonata mas na qual a exposição tem grandes dimensões, criando a ilusão do desenvolvimento ser diminuto. A sua introdução remonta-nos para sonoridades ancestrais, originadas em notas pedais que soam como bordões, bem como as diferentes técnicas contrapontísticas. O *Vivace* é um andamento de efeitos sonoros espectaculares marcados por uma diferenciação dinâmica extraordinária. A *Chaconne* final resulta na homenagem a Purcell. O seu tema é



anunciado em uníssono por todos os instrumentos, ao qual se somam uma série de 21 variações.

O **Quarteto Remix** é formado por solistas do agrupamento de música contemporânea Remix Ensemble e dá o seu primeiro concerto em Fevereiro de 2008, tendo como objectivo principal a divulgação do repertório para quarteto de cordas escrito desde o início do século xx até à actualidade. Esta é a sua estreia em Lisboa.

**Angel Gimeno** nasceu na Venezuela. É diplomado pelo Conservatório Nacional Superior de Música de Paris (primeiro prémio na classe de Michèle Auclair) e pós-graduado pelo Conservatório Tchaikowski de Moscovo na classe de Evguenya Tchugaeva. Além do seu trabalho com o Remix Ensemble, Angel Gimeno está à frente do Nieuw Ensemble de Amesterdão. Nesse âmbito, estudou directamente com Berio, Emmanuel Nunes, Boulez, Ferneyhough, Harvey, Donatoni e Luís de Pablo.

**José Pereira** nasceu em Lanhelas em 1983. Em 2004 venceu o Prémio Jovens Músicos da RDP. Terminou a licenciatura na classe de Aníbal Lima com a classifica-

ção de 19 valores. Actualmente é membro do Remix Ensemble, do Moscow Piano Quartet e da Orchestrutopica.

**Trevor McTait** nasceu em Inglaterra. Estudou Violino na Royal Academy of Music, em Londres, onde concluiu a pós-graduação em Viola, tendo concluído o Mestrado na Universidade de Cambridge. É músico do Remix Ensemble e chefe de naipe da Orquestra Barroca Casa da Música. Toca assiduamente com a Orquestra Sinfónica da BBC em Londres e é chefe de naipe da National Symphony Orchestra.

**Oliver Parr** é natural do Reino Unido. Estudou no Royal Northern College of Music com Eduardo Vassalo, em Paris com Aldulesco e na Escola Superior de Música de Detmold com Karine Georgian. É violoncelista do Remix Ensemble e tem-se apresentado com a Holland Synfonia, a Sinfonietta de Amesterdão e a English Touring Opera. Colaborou com os Ensembles Asko e Schoenberg, as Orquestras Sinfónicas da Cidade de Birmingham e da Holanda, bem como com a Orquestra Filarmónica de Londres.

*Quarteto Remix comprises soloists from the Remix Ensemble contemporary music grouping. Its first concert will be in February 2008, aiming to disseminate pieces for string quartet written since the turn of the 20<sup>th</sup> century. The quartet's first concert in Lisbon will feature Cláudio Carneiro's Quarteto de Arcos, and Benjamin Britten's Quartet No. 2, a work which is contemporary with Cláudio Carneiro's Quarteto.*



# Orquestra Jazz de Matosinhos convida Chris Cheek

Música de Carlos e Pedro Guedes

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h15 · M/12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Com a recente deslocação a Nova Iorque para concertos no mítico Carnegie Hall e na Jazz Gallery, a Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM) viu reconhecida internacionalmente a consistência do trabalho que vem fazendo desde a sua fundação, em 1999.

“A Orquestra Jazz de Matosinhos tem vindo a afirmar-se, paulatinamente, como uma das mais originais e peculiares experiências no actual panorama das big bands europeias.”

Manuel Jorge Veloso

*OJM invites Chris Cheek*, nome do primeiro trabalho discográfico da banda

dirigida por Carlos Azevedo e Pedro Guedes, está na base de um concerto que inclui temas inéditos dos seus dois mentores, e que conta, como diz o crítico Manuel Jorge Veloso, com “um solista à altura da exigência”: o saxofonista norte-americano Chris Cheek.

“Toda a música escrita para *Invites Chris Cheek* apresenta uma elevada consistência interna, soando cada um dos arranjos como uma entidade orgânica, com vida própria, que o solista convidado (Chris Cheek) tratou de nutrir da melhor forma.”

Paulo Barbosa, *Público*, Jun 2007

A OJM tem vindo a desenvolver um trabalho pioneiro no âmbito das *big band* portuguesas. Uma das suas singularidades está na aposta num repertório

© Mário Santos



próprio, construído pelo contributo dos seus dois directores – Carlos Azevedo e Pedro Guedes –, acrescido de reportório encomendado a compositores portugueses exteriores ao grupo. A OJM tem-se igualmente distinguido por desenvolver projectos para os quais convida grandes directores de *big band*, como foi o caso de Carla Bley, e instrumentistas de renome, como são Ingrid Jensen, Steve Swallow, Gary Valente, Lee Konitz, Mark Turner ou John Hollenbeck.

A maioria do Jazz português é atestada por este CD da Orquestra Jazz de Matosinhos. Desde 1999, a banda tem evoluído de tal forma que hoje em dia ombreia com as grandes agremiações orquestrais europeias.

Raul Vaz Bernardo, *Expresso*

*OJM recently played at New York's mythical Carnegie Hall and the Jazz Gallery, and thus gained international recognition for its consistent work since 1999. OJM invites Chris Cheek, the first CD by Carlos Azevedo and Pedro Guedes' band, is the starting point for a concert that includes new pieces, and features American saxophonist Chris Cheek.*

*OJM has been a pioneering Portuguese big band. It plays its own compositions, plus works commissioned from other Portuguese composers. It has also worked with big band leaders such as Carla Bley, and top musicians such as Ingrid Jensen, Steve Swallow, Gary Valente, Lee Konitz, Mark Turner and John Hollenbeck.*



EXPOSIÇÃO ATÉ 3 DE FEVEREIRO

# Museus do Século XXI

Conceitos, projectos, edifícios

**GALERIA 2 · €2**

Exposição concebida e coordenada pelo Art Centre Basel, Basel, Suíça

**Ciclo de conversas em torno desta exposição** Para mais informações consulte a primeira página da programação:

**3 de Janeiro**

**Para onde vai o museu de arte contemporânea?** Raquel Henriques da Silva, João Pinharanda, Ricardo Nicolau (moderador)

**17 de Janeiro**

**O museu visto por quem o desenha** Arquitectos Aires Mateus, Pedro Pacheco, Margarida Veiga (moderadora)

**24 de Janeiro**

**Conceito arquitectónico e conceito expositivo. Harmonia ou conflito?** João Fernandes, Jean-François Chougnat, Delfim Sardo (moderador)

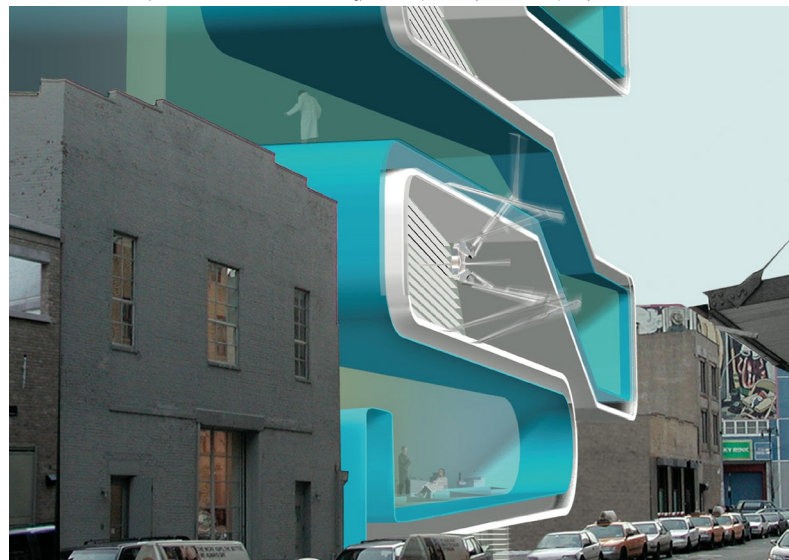
**31 de Janeiro**

**O museu visto por quem o usa** Anísio Franco, Ana Ruivo, Sara Barriga (moderadora)

Nos últimos anos, por todo o mundo têm sido construídos numerosos museus ou tem-se procedido a renovações ou expansões de outros. As tentativas de muitas instituições de integrarem a arquitectura contemporânea no programa dos seus museus coloca mais uma vez a questão sobre a forma e a função de um museu e, simultaneamente, a discussão sobre as relações entre a arquitectura (o espaço) e a arte (a exposição).

Em 2000, Suzanne Greub, directora do Art Centre Basel, organizou a exposição *Museus para um Novo Milénio* que até 2005 foi apresentada em 17 museus ou centros culturais por todo o mundo (incluindo o CGB, em Lisboa). A presente exposição vem no seguimento da anterior e apresenta 27 dos mais interessantes e seminais projectos de edifícios museológicos desenhados, acabados ou em construção, entre os anos 2000 e 2014. São projectos muito diversos que revelam diferentes pontos de vista sobre o conceito de museu, o seu papel na sociedade contemporânea e as suas traduções arquitectónicas.

Diller Scofidio + Renfro. Eyebeam Museum of Art and Technology, Nova Iorque, 2001 (construção suspensa) © Diller Scofidio + Renfro



Os projectos são apresentados através de modelos cuidadosamente escolhidos, fotografias, simulações por computador, plantas, desenhos, animações em DVD e vídeos. O Art Centre Basel concebeu cada uma destas apresentações em estreita colaboração com o respectivo arquitecto mas consistentes com as directrizes por si definidas de modo a obter-se uma unidade e coerência expositivas.

A exposição procura contribuir não só para o debate sobre a forma exterior dos museus, mas também para chamar a atenção para os diferentes programas que as instituições concebem tendo em vista a satisfação dos seus públicos.

*Of late, museums have been built, renovated, or enlarged throughout the world. Attempts to incorporate modern architecture raise*

*the question of a museum's form and function and the link between architecture and art. In 2000, Suzanne Greub, curator of Art Centre Basel, organized an exhibition entitled Museums for a New Millennium. Now, this exhibition follows it up and covers 27 of the most interesting museum designs from 2000 up to 2014, using models, photos, computer simulations, plans, designs and animation. It aims to contribute to the debate on the exterior design of museums, and highlight museums' various plans for satisfying the public.*

EXPOSIÇÃO CULTURGEST PORTO DE 2 DE FEVEREIRO A 19 DE ABRIL

# Ricardo Jacinto

## Les Voisins

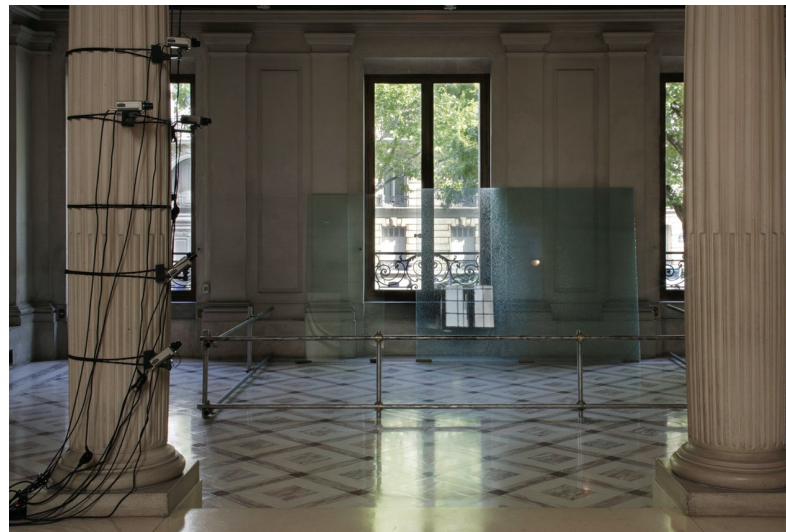
Entrada gratuita

Curadoria: Miguel Wandschneider

Paralelamente à sua exposição em Lisboa, Ricardo Jacinto mostra a instalação *Les Voisins*, apresentada no ano passado no Centre Culturel Gulbenkian em Paris, e agora adaptada aos espaços da Culturgest no Porto. À medida que percorremos a instalação, deparamos com diversos elementos (objectos, imagens, sons), formalmente muito diversos entre si, que semeiam indícios e tecem uma intriga cuja decifração está longe de ser linear. Como o título sugere, oferecendo algumas pistas de interpretação, é como se entrássemos num mundo paralelo, próximo (contíguo) mas ao mesmo tempo estranho, que permanece em grande medida insondável. Um mundo do qual estão ausentes aqueles que o habitam.

*In parallel with his exhibition in Lisbon, Culturgest presents Ricardo Jacinto's installation, Les Voisins, shown last year at the Centre Culturel Gulbenkian in Paris and now adapted to the spaces of Culturgest in Oporto. As we go through the installation we come across disparate elements (objects, images, sounds), formally very different from one another, which scatter signs and weave a plot whose decipherment is far from being linear. As the title suggests, offering a few clues, it is as if we have entered a parallel world, nearby (contiguous) but at the same time strange, which remains unfathomable to a large extent. A world from which those who inhabit it are absent.*

*Les Voisins, Vista da instalação, Centre Culturel Gulbenkian, 2006 © Florian Kleinfenn*



Conversa com Ricardo Jacinto e Miguel Wandschneider

Sábado, 15 de Março, 17h00

EXPOSIÇÃO DE 23 DE FEVEREIRO A 11 DE MAIO

# Ricardo Jacinto

## Earworm

### GALERIA 1

€2 · Bilhete único para as duas exposições  
Curadora: Miguel Wandschneider

Ricardo Jacinto (Lisboa, 1975) é um dos artistas portugueses com uma das obras mais singulares e estimulantes nos últimos dez anos. Esta exposição foi concebida como uma constelação que integra e rearticula uma parte muito significativa do seu trabalho desde o final da década de 1990. Com formação sólida em diferentes áreas (arquitetura, artes plásticas, música), Ricardo Jacinto tem vindo a desenvolver uma prática multiforme, com acentuada dimensão processual e projectual, que toma o atelier e o espaço expositivo como laboratórios, envolve frequentemente a colaboração com outros artistas e músicos, e se manifesta

na utilização e combinação de meios de expressão muito diferentes, com especial ênfase na escultura, no som e na performance. Os seus trabalhos, e esta exposição entendida como um todo, convidam a uma experiência intensa em que a visão e a audição, a percepção cognitiva e a postura corporal são constantemente solicitadas.

*Ricardo Jacinto (Lisbon, 1975) is one of the Portuguese artists who have produced the most individual and stimulating works in the last ten years. This exhibition was conceived as a constellation that includes and re-articulates a very significant part of his work since the late 1990s. With a solid background in different areas (architecture, fine arts, music), Ricardo Jacinto has been developing a multifaceted practice, with*

PARQUE Noir (Extras e Demonstrações #1), 2005 © Daniel Malhão



*a strong emphasis on the artistic process, which takes the studio and exhibition space as laboratories. It frequently involves collaboration with other artists and musicians, using and combining very different modes of artistic expression, with special emphasis on sculpture, sound and performance. His works, and indeed this exhibition as a whole, offer an intense experience that engages both visual and aural perception, our cognitive perception and body posture.*

**Conversa com Ricardo Jacinto e Miguel Wandschneider**

Quinta-feira, 13 de Março, 18h30

**Visita guiada com Miguel Wandschneider**

Sábado, 19 de Abril, 17h00

**Visitas guiadas gerais**

Domingos, 2 de Março e 6 de Abril, 17h00

Outras datas disponíveis para grupos organizados (a partir de 10 pessoas)

A galeria estará encerrada nos dias 21 e 23 de Março.

CONCERTO/INSTALAÇÃO FEVEIREIRO SEX 22, DOM 24 MARÇO SÁB 29, DOM 30  
ABRIL SÁB 19, DOM 20

# Ricardo Jacinto

## PARQUE

Com Hugo Brito, Daniel Malhão, Nuno Morão,  
João Pinheiro, Dino Récio, Nuno Ribeiro, André Sier  
e Nuno Torres

### Peça de embalar (Double, long and surprise version)

Percussão em dois espelhos suspensos  
(como gongos), violoncelo, saxofone alto,  
electrónica e iluminação

22 Fevereiro, 23h00 · 24 Fevereiro, 18h30  
Galeria 1 · Duração aprox. 25 minutos  
€2 · Lotação: 60 lugares · M/12

### Os

Percussão em espelhos suspensos  
de altura definida, voz, saxofone alto,  
electrónica e iluminação

29 Março, 18h30 · 30 Março, 18h30  
Galeria 1 · Duração aprox. 30 minutos  
€2 · Lotação: 80 lugares · M/12

### Atraso

Altifalante pendular, violoncelo,  
saxofone alto e percussão

19 Abril, 18h30 · 20 Abril, 18h30  
Galeria 1 · Duração aprox. 25 minutos  
€2 · Lotação: 60 lugares · M/12

Desde 2000, uma parte substancial da actividade de Ricardo Jacinto tem-se concentrado em três peças performativas, constantemente reelaboradas, que estabelecem uma relação simbiótica entre as artes visuais e a música, mais particularmente, entre a instalação e o concerto de música. Inicialmente pensadas como partes de uma trilogia, essas peças foram, a partir de 2004, subsumidas

Atraso, Fundação de Oeiras, 2003 © Daniel Malhão



num projecto mais ambicioso e expansivo, denominado *PARQUE*, que veio formalizar as dinâmicas de colaboração entre uma série de artistas e músicos subjacentes ao seu desenvolvimento e à sua apresentação. Desde então, e por diversas vezes, as três peças foram agregadas num único concerto em três partes, cada uma decorrendo num espaço diferente do lugar destinado à sua apresentação. Ao longo da exposição de Ricardo Jacinto na Culturgest, os dispositivos que correspondem a essas peças são apresentados separadamente e reactivados, em determinados momentos, sob a forma de concerto.

*Since the year 2000, a substantial part of Ricardo Jacinto's work has concentrated on three constantly evolving performance pieces which establish a symbiotic relationship between the visual arts and music, more particularly between installations and music concerts. Initially conceived as parts of a trilogy, after 2004 these pieces were subsumed into a more ambitious and expansive project, called PARQUE, that formalised the dynamics of collaboration between a series of artists and musicians underlying their development and presentation. Throughout Ricardo Jacinto's exhibition at Culturgest, the devices used in these pieces are shown separately and reactivated at certain moments.*

# Stuart Bailey

## Conferência em torno dos livros

### *Frances Stark: Collected Works* e *Appendix Appendix*

#### PEQUENO AUDITÓRIO · 18h30

Entrada gratuita. Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo: 2 senhas por pessoa.

Nesta conferência, Stuart Bailey discute o processo de concepção de dois livros de que é co-autor: *Frances Stark: Collected Works*, que acompanha a exposição retrospectiva do trabalho da artista agora apresentada na Culturgest, e *Appendix Appendix*, feito em colaboração com o artista Ryan Gander. Apesar dos paralelismos e similaridades entre os dois livros, eles resultaram em objectos muito diferentes. Stuart Bailey aborda o modo como pressupostos idênticos são postos em prática de duas maneiras distintas, em função, por um lado, das diferenças em termos de conteúdo e de temperamento entre as obras daqueles dois artistas, e, por outro, da natureza das relações interpessoais que o ligam a eles. Trata-se,

em última instância, de averiguar como forma e conteúdo, ou a vida e o trabalho, se interrelacionam.

Stuart Bailey licenciou-se em tipografia e comunicação gráfica pela Universidade de Reading em 1994, tendo prosseguido os seus estudos, alguns anos mais tarde, na Werkplaats Typografie em Arnhem. Neste mesmo ano, fundou, juntamente com Peter Bilak, a revista de artes *Dot Dot Dot*. A par da produção de livros em colaboração com artistas como Paulina Olowaska, Ryan Gander e Frances Stark, tem estado envolvido em diversos projectos artísticos. Em colaboração com Will Holder, e sob o nome composto Will Stuart, produziu uma série de exposições, nomeadamente *Franny and Zoey* (De Appel, Amesterdão, 2004) e *The Boys' Room* (Marres, Maastricht, 2005), assim como a série de publicações e eventos intitulada *Tourette's* (de 2004 em diante). Em colaboração com David Reinfurt,



fundou em 2004 o projecto Dexter Sinister, com espaço próprio numa cave em Nova Iorque, que funciona como livraria ocasional e organiza diversas actividades relacionadas com o que se poderá vagamente designar como “actividade editorial”. O projecto Dexter Sinister deu-se a conhecer, este ano, na Bienal de Lyon e na exposição colectiva *Wouldn't it be Nice...*, no Centre d'Art Contemporain de Genève, e irá integrar no próximo ano a Bienal de Whitney, em Nova Iorque.

*In this lecture Stuart Bailey discusses the process of making two books of which he is co-author: Frances Stark: Collected Works, which accompanies the retrospective exhibition of this artist's work presented at Culturgest, and Appendix Appendix, made in collaboration with Ryan Gander. Ultimately, Stuart Bailey explores how form*

*and content, or equally, life and work, are intertwined.*

*Stuart Bailey is an artist and graphic designer. In 2000, he co-founded the arts journal Dot Dot Dot with Peter Bilak. Alongside the ongoing production of books with artists such as Paulina Olowaska, Ryan Gander and Frances Stark, he has recently been involved in a number of broader projects, including the production of exhibitions, events and publications in collaboration with Will Holder under the composite name Will Stuart. Together with David Reinfurt, he co-founded Dexter Sinister, a “just in time workshop and occasional bookstore” in New York, which is involved in various activities loosely encompassed by the term “publishing”. Dexter Sinister was included in the 2007 Lyon Biennial and will feature in the forthcoming 2008 Whitney Biennial.*



EXPOSIÇÃO DE 23 DE FEVEREIRO A 11 DE MAIO

# Frances Stark

## The Fall of Frances Stark

### GALERIA 2

€2 · Bilhete único para as duas exposições  
Curadoria: Phillip Van den Bossche

Uma selecção de cerca de cinquenta obras, que contempla colagens, desenhos, pinturas e vídeos, produzidas entre 1993 e 2007, desvenda o universo cativante de Frances Stark, artista que tem repartido a sua actividade igualmente pela escrita de textos, ou, dito de outra maneira, escritora que desenvolve uma prática regular como artista. Frances Stark toma a escrita, o acto de ler e a voz (uma voz omnipresente que se insinua através do texto) como pontos de partida para as suas obras visuais. Nelas incorpora frases extraídas de fontes muito diversas, não raramente textos literários, que são submetidas a operações de repetição, reprodução, fragmentação e justaposição

a outros elementos visuais. Frances Stark devolve-nos, em tom confessional, com um sentido autobiográfico oblíquo e fazendo uso de um humor em surdina, um olhar iluminante sobre o processo criativo e a imponderabilidade da vida.

A exposição é organizada pelo Van Abbemuseum em Eindhoven, em colaboração com o FRAC Bourgogne em Dijon e a Culturgest.

*A selection of around fifty works comprising collages, drawings, paintings and videos produced between 1993 and 2007 discloses the captivating world of Frances Stark, an artist who has divided her time equally between art and writing, in other words a writer who has a regular practice as an artist. Stark takes writing, the act of reading and the voice (an omnipresent voice that insinuates itself through the text) as starting*

*Push, 2006 - Latex, materiais impressos, fita de linho e autocolantes sobre painel - 203,2 x 226,1 cm*



*points for her visual works. In them she incorporates phrases taken from very diverse sources, often literary texts, which undergo operations of repetition, reproduction, fragmentation and juxtaposition with other visual elements. Stark conveys to us, in a confessional tone, with an oblique autobiographical approach and humour on the sly, an illuminating view of the creative process and the imponderability of life.*

*The exhibition is organised by the Van Abbemuseum in Eindhoven in collaboration with FRAC Bourgogne in Dijon and Culturgest.*

### Conversa com Frances Stark e Phillip Van den Bossche

Sábado, 23 de Fevereiro, 17h00

### Visita guiada com Miguel Wandschneider

Sábado, 10 de Maio, 17h00

### Visitas guiadas gerais

Domingos, 2 de Março e 6 de Abril, 18h30  
Outras datas disponíveis para grupos organizados (a partir de 10 pessoas)

A galeria estará encerrada nos dias 21 e 23 de Março.

# Leonor Antunes

Entrada gratuita

Curadoria: Ricardo Nicolau

Leonor Antunes (n. Lisboa, 1972) é uma artista formada em escultura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. Depois de importantes exposições individuais e colectivas em algumas das maiores instituições portuguesas, como a Museu de Serralves, a Culturgest e a Fundação Calouste Gulbenkian, que a revelaram como uma das mais promissoras artistas dos últimos anos, Leonor Antunes radicou-se em Berlim e construiu uma sólida carreira internacional, que já a levou a expor em Londres, Paris, Berlim e Turim, instituindo-a definitivamente como figura incontornável da mais recente arte portuguesa. No entanto, e porque nos últimos anos o seu

trabalho não tem sido apresentado regularmente em Portugal, poucos são os que têm acompanhado o seu percurso. Esta exposição no Chiado 8 vem justamente permitir um confronto com alguma da sua produção mais recente, adaptada a este contexto. Partindo de uma observação metódica de elementos arquitectónicos, mas afastando-se do replicar de características dos espaços expositivos que caracterizava o seu trabalho mais conhecido entre nós, a artista tem vindo a apostar numa ideia de escultura como algo transportável, nómada, viajante.

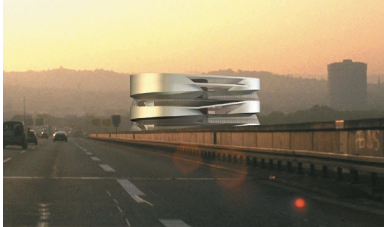
*The artist Leonor Antunes (born in Lisbon, 1972) studied sculpture at the Fine Arts School in Lisbon. Following important solo and collective exhibitions at some of the main Portuguese institutions like the*



*Serralves Museum, Culturgest and the Calouste Gulbenkian Foundation, where she proved to be one of the most promising artists in the last years, Antunes settled in Berlin. She has built a solid international career and has already had exhibitions in London, Paris, Berlin and Turin, making her a recognised figure in recent Portuguese art. Nonetheless, because her work has not been shown regularly in Portugal, very few people have been able to follow her career. This exhibition at Chiado 8 enables us to take in some of her most recent work, adapted to this context. Starting with a methodical observation of architectural features, although*

*without replicating the characteristics of the exhibition spaces, as in her early work, the artist has been focusing on the idea of sculpture as something portable, nomadic, itinerant.*





UN Studio, Ben van Berkel/Caroline Bos. Museum Mercedes-Benz

## Museus do Século XXI

Exposição · até 3 de Fevereiro · Galeria 2

### ACTIVIDADES PARA ADULTOS

#### Visitas guiadas gerais

Domingos, 6 de Janeiro e 3 de Fevereiro, 17h00. Outras datas disponíveis para grupos organizados (a partir de 10 pessoas).  
Orientação Rita Manteigas

#### Visita guiada temática – os espaços da arte contemporânea

Para grupos organizados (a partir de 10 pessoas). Marcação prévia.  
Concepção e orientação Carolina Rito

### ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS

#### Visitas-jogo à exposição

Ensino pré-escolar e 1.º ciclo  
Marcação prévia · €1 · Duração: 1h00 (aprox.)

#### Estórias de encantar sobre museus a visitar Pré-escolar

Visita-jogo que parte de pequenos contos sobre alguns dos projectos expostos e leva

à manipulação de materiais que permitam a construção de um museu imaginado por todos.

**Concepção e orientação** vários colaboradores do Serviço Educativo

#### M... u... s... eu? É um espaço meu? 1.º ciclo

Dentro da galeria, junto às maquetas expostas, vamos fazer um jogo de análise e descoberta. Pretende-se com este jogo trabalhar a atenção e a autonomia na leitura da obra de arte. Haverá ainda tempo para uma nova construção tridimensional!

**Concepção** Carmo Rolo, Joana Ratão e Pietra Fraga  
**Orientação** vários colaboradores do Serviço Educativo

#### Museus de frente e verso 1.º ciclo

Nesta visita-jogo vamos aprofundar os conceitos e as definições do espaço museológico. Para que serve um museu? À luz do futuro, que funções terá? Viagem às inúmeras possibilidades na concepção de museu, por fora e por dentro, à luz do presente e do futuro. Ao longo da visita, estranhos objectos surgirão...

**Concepção** Carmo Rolo, Joana Ratão e Pietra Fraga  
**Orientação** vários colaboradores do Serviço Educativo

### ACTIVIDADES PARA JOVENS

#### Visitas-jogo à exposição e visitas guiadas à exposição

2.º ciclo, 3.º ciclo e ensino secundário  
Marcação prévia · €1 · Duração: 1h30 (aprox.)

#### M... u... s... eu? É um espaço meu?

2.º e 3.º ciclos

Visita-jogo à exposição. Descoberta e análise crítica de alguns dos mais cativantes projectos

arquitectónicos de museus.

**Concepção e orientação** vários colaboradores do Serviço Educativo

#### Visita dinâmica 3.º ciclo e ensino secundário

Visita à exposição direccionada para a História da Arte Contemporânea. Propõe-se ao grupo visitar a exposição e, recorrendo a imagens e a alguns textos de apoio, compreender um pouco melhor algumas das problemáticas da arte do nosso tempo.

**Concepção** Carolina Rito  
**Orientação** vários colaboradores do Serviço Educativo

#### A construção dos nossos projectos educativos

Ensino secundário

Ideal para turmas de animação cultural, programação e gestão das artes.

Investigar, estruturar, programar, produzir, comunicar, animar e avaliar: o nosso projecto educativo, de A a Z.

**Concepção e orientação** Raquel Ribeiro dos Santos

**Outras visitas guiadas à exposição 2.º ciclo, 3.º ciclo, ensino secundário e ensino superior**  
Marcação prévia · €0,50 · Duração: 1h30 (aprox.)

#### É professor?

Visite o link do serviço educativo em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt) e consulte o caderno do professor 2007-2008 para saber em pormenor as nossas propostas de exploração pedagógica para cada evento.



PARQUE Nair (Extras e Demonstrações #1), 2005

## Ricardo Jacinto

Exposição · de 23 Feb a 11 Mai · Galeria 1

### ACTIVIDADES PARA ADULTOS

#### Conversa com Ricardo Jacinto e Miguel Wandschneider

Galeria 1 · Quinta-feira, 13 de Março, 18h30

#### Visita guiada com Miguel Wandschneider

Sábado, 19 de Abril, 17h00

#### Visitas guiadas gerais

Domingos, 2 de Março e 6 de Abril, 17h00  
Outras datas disponíveis para grupos organizados (a partir de 10 pessoas)

### ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS

#### Visitas-jogo à exposição

Ensino pré-escolar e 1.º ciclo  
Marcação prévia · €1 · Duração: 1h00 (aprox.)

#### Tubo de ensaio. Obras de arte que são experiências? Pré-escolar

Visita-jogo à exposição. Pretende-se nesta visita-jogo trabalhar as obras de Ricardo

Jacinto naquilo que elas têm de mais experi-  
mental e inesperado.  
**Concepção e orientação** vários colaboradores  
do Serviço Educativo

### Quanto tempo tem uma obra de arte?

1.º ciclo

Nesta visita-jogo vamos abordar algumas obras  
de Ricardo Jacinto e perceber que quanto mais  
olhamos para as obras de arte mais elas falam  
conosco.

**Concepção e orientação** vários colaboradores  
do Serviço Educativo

## ACTIVIDADES PARA JOVENS

---

### Visitas-jogo e visitas guiadas à exposição

2.º ciclo, 3.º ciclo e ensino secundário  
Marcação prévia · €1 · Duração: 1h30 (aprox.)

### Instalar, apresentar e experimentar

2.º e 3.º ciclos

Visita-jogo à exposição de Ricardo Jacinto  
direccionada para a noção de instalação e  
de “experimentação” da obra de arte pelo  
observador.

**Concepção e orientação** vários colaboradores  
do Serviço Educativo

### Visita dinâmica 3.º ciclo e ensino secundário

Visita-jogo à exposição direccionada para a  
História da Arte Contemporânea. Propõe-se  
ao grupo visitar a exposição e, recorrendo a  
imagens e a alguns textos de apoio, compre-  
nder um pouco melhor algumas das problemá-  
ticas da arte do nosso tempo.

**Concepção e orientação** vários colaboradores  
do Serviço Educativo

### A construção dos nossos projectos educativos

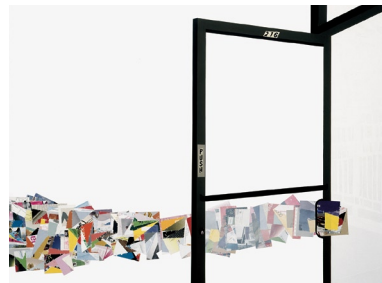
Ensino secundário

Ideal para turmas de animação cultural,  
programação e gestão das artes.  
Investigar, estruturar, programar, produzir,  
comunicar, animar e avaliar: o nosso projecto  
educativo, de A a Z.  
**Concepção e orientação** Raquel Ribeiro dos  
Santos

**Outras visitas guiadas à exposição** 2.º ciclo,  
3.º ciclo, ensino secundário e ensino superior  
Marcação prévia · €0,50 · Duração: 1h30 (aprox.)

### É professor?

Visite o link do serviço educativo em  
[www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt) e consulte o caderno do  
professor 2007-2008 para saber em pormenor  
as nossas propostas de exploração pedagógica  
para cada evento.



Push, 2006

## Frances Stark

Exposição · de 23 Feb a 11 Mai · Galeria 2

## ACTIVIDADES PARA ADULTOS

---

### Conversa com Frances Stark e Phillip Van den Bossche

Galeria 2 · Sábado, 23 de Fevereiro, 16h00

### Visita guiada com Miguel Wandschneider

Sábado, 10 de Maio, 17h00

### Visitas guiadas gerais

Domingos, 2 de Março e 6 de Abril, 18h30  
Outras datas disponíveis para grupos  
organizados (a partir de 10 pessoas)

### Visita guiada temática – Arte no Feminino

Para grupos organizados (a partir de 10  
pessoas) · Marcação prévia  
**Concepção e orientação** Carolina Rito

## ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS

---

### Visitas-jogo à exposição

Ensino pré-escolar e 1.º ciclo  
Marcação prévia · €1 · Duração: 1h00 (aprox.)

### Escrever imagens Pré-escolar

Visita-jogo à exposição dedicada às imagens  
das letras patentes nas obras. Conseguem  
descobrir alguma letra nas imagens?  
**Concepção** Joana Ratão **Orientação** vários  
colaboradores do Serviço Educativo

### Da palavra à imagem, assim se constrói uma paisagem 1.º ciclo

Visita-jogo à exposição que trabalha, em exer-  
cícios práticos, a ideia de palavra escrita e de  
palavra desenhada em jogos de colagem muito  
semelhantes aos das obras de Frances Stark.  
As letras também servem para desenhar?  
**Concepção e orientação** vários colaboradores  
do Serviço Educativo

## ACTIVIDADES PARA JOVENS

---

### Visitas-jogo e visitas guiadas à exposição

2.º ciclo, 3.º ciclo e ensino secundário  
Marcação prévia · €1 · Duração: 1h30 (aprox.)

### Da palavra à imagem, assim se constrói uma paisagem 2.º e 3.º ciclos

Visita-jogo à exposição que trabalha, em exer-  
cícios práticos, a ideia de palavra escrita e de  
palavra desenhada em jogos de colagem muito  
semelhantes aos das obras de Frances Stark.  
As letras também servem para desenhar?  
**Concepção e orientação** vários colaboradores  
do Serviço Educativo

### Visita dinâmica 3.º ciclo e ensino secundário

Visita-jogo à exposição direccionada para a  
História da Arte Contemporânea. Propõe-se  
ao grupo visitar a exposição e, recorrendo a  
imagens e a alguns textos de apoio, compre-  
nder um pouco melhor algumas das problemá-  
ticas da arte do nosso tempo.  
**Concepção** Carolina Rito e Pietra Fraga

Orientação vários colaboradores do Serviço Educativo

#### Visita dinâmica temática:

#### o livro de artista na obra de Frances Stark 3.º ciclo e ensino secundário

Visita-jogo à exposição direccionada para a História da Arte Contemporânea. Propõe-se ao grupo visitar a exposição e, recorrendo a imagens e a alguns textos de apoio, compreender um pouco melhor algumas das problemáticas da arte do nosso tempo.

Concepção Carolina Rito e Pietra Fraga

Orientação vários colaboradores do Serviço Educativo

#### A construção dos nossos projectos educativos

Ensino secundário

Ideal para turmas de animação cultural, programação e gestão das artes.

Investigar, estruturar, programar, produzir, comunicar, animar e avaliar: o nosso projecto educativo, de A a Z.

Concepção e orientação Raquel Ribeiro dos Santos

#### Outras visitas guiadas à exposição 2.º ciclo, 3.º ciclo, ensino secundário e ensino superior Marcação prévia · €0,50 · Duração: 1h30 (aprox.)

#### É professor?

Visite o link do serviço educativo em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt) e consulte o caderno do professor 2007-2008 para saber em pormenor as nossas propostas de exploração pedagógica para cada evento.

## Outras actividades para adultos

---

#### O ar dos artistas

#### Sessões abertas à participação dos pais e amigos das crianças inscritas

(ver na próxima página)

16 de Fevereiro das 15h00 às 17h30

15 de Março das 15h00 às 17h30

## Outras actividades para crianças e jovens

---

#### Celebra o teu dia de anos na galeria de arte

Sala própria · Galerias 1 e 2

Dos 5 aos 12 anos · Marcação prévia

€150 (por grupo) · Para grupos organizados  
(mínimo 10 crianças, máximo 20 crianças)  
Duração: 2h30 (aprox.)

Convida os teus amigos para uma festa de anos fora do comum e aventura-te pela galeria de arte!

#### O ar dos artistas

Sábados à tarde na Culturgest –  
oficinas práticas

Dos 7 aos 12 anos · Marcação prévia

€15 (4 sessões) / €5 (por sessão).

As quatro sessões são complementares e de continuação, embora cada uma delas apresente uma orgânica própria, permitindo a inscrição em apenas uma.

Aos sábados, durante um mês, um artista ajudará os meninos a olhar de uma outra forma e a formar um novo olhar.

#### Sábados em Março

1, 8, 15 e 22 de Março das 15h00 às 17h30

#### Concepção e orientação Sílvia Moreira

Formada em Artes Plásticas e com experiência na área das novas tecnologias, encontra-se actualmente a desenvolver ateliers infanto-juvenis em diversos espaços culturais e em escolas do ensino básico.

#### Sábados em Abril

2, 9, 16 e 23 de Fevereiro das 15h00 às 17h30

#### Concepção e orientação Joana Ratão

Formada em Artes Plásticas e Fotografia, desenvolve actividades de concepção e orientação de oficinas infantis em escolas e espaços culturais.

#### Sessões abertas à participação dos pais e dos amigos das crianças inscritas

16 de Fevereiro das 15h00 às 17h30

15 de Março das 15h00 às 17h30



## Férias de Carnaval na Culturgest

---

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos  
Dia 4 e dia 6 de Fevereiro de 2008  
Marcação prévia

Oficinas de 2 manhãs ou de 2 tardes  
€15 (desconto de 30% aos colaboradores  
CGD ou na inscrição do segundo filho)

Almoço disponível para os meninos inscritos  
o dia inteiro nas oficinas.  
Preço não incluído no valor das oficinas.

**Oficinas temáticas** Dos 6 aos 10 anos  
Das 10h00 às 13h00 · Das 14h30 às 17h30

**Oficinas temáticas** Dos 10 aos 14 anos  
Das 10h00 às 13h00 · Das 14h30 às 17h30

#### Para saber mais sobre as oficinas...

Visite o link do serviço educativo em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt) e faça o download da sinopse e dos objectivos pedagógicos de cada oficina de férias de Carnaval.

#### Ou contacte-nos directamente!

Telefone: 21 790 54 54

E-mail: [culturgest.servicoeducativo@cgd.pt](mailto:culturgest.servicoeducativo@cgd.pt)

## Férias de Páscoa na Culturgest

Dos 4 aos 6 anos · Dos 6 aos 10 anos  
Dos 10 aos 14 anos  
De 17 a 26 de Março de 2008  
Marcação prévia

### 1.ª semana

Oficinas de 5 manhãs ou de 5 tardes:  
de 17 a 21 de Março

### 2.ª semana

Oficinas de 3 manhãs ou de 3 tardes:  
de 24 a 26 de Março  
€30 (desconto de 30% aos colaboradores da  
Caixa Geral de Depósitos e na inscrição do  
segundo filho)

Almoço disponível para os meninos inscritos  
o dia inteiro nas oficinas.

Preço não incluído no valor das oficinas.

### Oficina temática Dos 4 aos 6 anos

Das 10h00 às 12h30 ou das 14h30 às 17h00

### Oficinas temáticas Dos 6 aos 10 anos

Das 10h00 às 13h00 · Das 14h30 às 17h30

### Oficinas temáticas Dos 10 aos 14 anos

Das 10h00 às 13h00 · Das 14h30 às 17h30

### Para saber mais sobre as oficinas...

Visite o link do serviço educativo em  
[www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt) e faça o download da  
sinopse e dos objectivos pedagógicos de cada  
oficina de férias de Páscoa.

### Ou contacte-nos directamente!

Telefone: 21 790 54 54

E-mail: [culturgest.servicoeducativo@cgd.pt](mailto:culturgest.servicoeducativo@cgd.pt)

### Os colaboradores do Serviço Educativo durante esta temporada são:

Ana Gonçalves, Carmo Rolo, Carolina Rito,  
Diana Ramalho, Gato que Ladra, Isabel Gomes,  
Joana Ração, Mariana Lemos, Marília Pasqual,  
Marta Nunes, Pietra Fraga, Rita Manteigas,  
Sara Nogueira, Sílvia Moreira e Tiago Pereira.

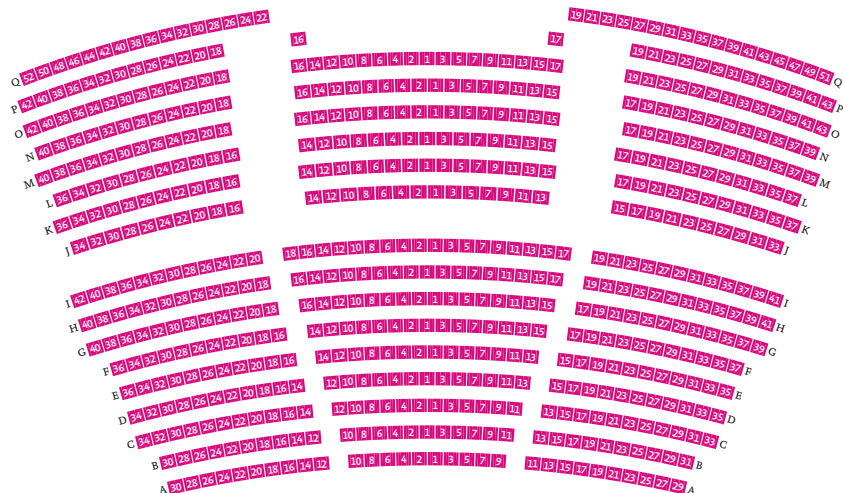
### INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES

[culturgest.servicoeducativo@cgd.pt](mailto:culturgest.servicoeducativo@cgd.pt)

Tel. 21 790 54 54 · Fax 21 848 39 03

Outros projectos: Raquel Ribeiro dos Santos  
[raquel.ribeiro.santos@cgd.pt](mailto:raquel.ribeiro.santos@cgd.pt)

## GRANDE AUDITÓRIO



## GALERIAS

### Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h00 às 19h00 (última admissão às 18h30)

### ENCERRADAS À TERÇA-FEIRA

Sábados, domingos e feriados, das 14h00 às 20h00 (última admissão às 19h30)

Guias áudio disponíveis gratuitamente.

### Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

## BILHETEIRA

### Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h00 às 19h00  
Sábados, domingos e feriados, das 14h00 às 20h00.

Nos dias de espectáculo, até à hora do início do mesmo.

### Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Mas os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espectáculo.

## ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espectáculos, beneficiando de um desconto de 40%. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas Galerias. As assinaturas são válidas no limite dos bilhetes disponíveis.

## DESCONTOS

### Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos e empregados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (2 bilhetes com 30% de desconto).

40% a titulares dos cartões **Caixautomática** **Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).

Entrada gratuita a jovens até aos 16 anos.

Funcionários e reformados da CGD:

2 bilhetes gratuitos.

### Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espectáculo, empregados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (2 bilhetes com 30% de desconto) e titulares dos cartões **Caixagold** e **Visabeira Exclusive** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).

40% a titulares dos cartões **Caixautomática** **Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).

50% a funcionários e reformados da CGD (2 bilhetes com 50% de desconto).

**Jovens até aos 30 anos: 5 Euros.**

**Preço único sem descontos.**

## CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

Metro: Campo Pequeno

Autocarros: Campo Pequeno 54 e 56;

Av. da República 21, 36, 44, 45, 49, 83, 90, 91, 727, 732 e 738; Av. de Roma 7, 35, 727 e 767;

Praça de Londres 7, 22, 40 e 767

## CULTURGEST PORTO – GALERIA

### Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h00 às 18h00 (última admissão às 17h45)

ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.

Edifício Caixa Geral de Depósitos

Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto

Telefone: 22 209 81 16

## CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

### Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h00 às 20h00

Encerra aos fins-de-semana e aos feriados

Largo do Chiado n.º8, 1249-125 Lisboa

Telefone: 21 323 73 35

[www.fidelidademundial.pt](http://www.fidelidademundial.pt)

## INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira

**21 790 51 55**

[culturgest.bilheteira@cgd.pt](mailto:culturgest.bilheteira@cgd.pt)

### Bilhetes à venda

Culturgest, Bliss, Fnac, Livrarias Bulhosa

(Oeiras Parque), Lojas Abreu, Worten

e [www.ticketline.sapo.pt](http://www.ticketline.sapo.pt)

Reservas: 707 234 234

[culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

Os portadores de bilhetes para os espectáculos ou de convites para as inaugurações têm acesso ao Parque de Estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Programa sujeito a alterações



# Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



NO CENTRO DA CIDADE  
ALUGUER DE ESPAÇOS

INFORMAÇÕES 21 790 54 54

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos · Rua Arco do Cego 1000-300 Lisboa  
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

APOIOS



APOIO NA DIVULGAÇÃO



Se quiser receber em sua casa  
a programação da Culturgest telefone-nos,  
escreva-nos, envie um fax ou um e-mail para  
[newsletter.culturgest@cgd.pt](mailto:newsletter.culturgest@cgd.pt)

**Culturgest**

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos  
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa  
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03  
[culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)